BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXVII • JULHO DE 1952 • N.º 305

NOSSA CAPA

Ao mesmo tempo que se processa o desbravamento de novas zonas cafeeiras, num prosseguimento da "marcha para oeste", vem-se estabelecendo, com segurança, a reconquista ou, antes, o reaproveitamento das terras chamadas "velhas" onde novos cafèzais vêm sendo replantados, com sucesso. Nossa gravura reproduz um cafèzal novo, recém-formado na região de Campinas, onde, desde mais de cem anos, cafeeiros altamente produtivos já haviam existido e sido substituidos por pastagens. Os novos cafeeiros, formados em consociação com a pecuária e a avicultura, de acôrdo com a mais moderna técnica, já estão produzindo suas primeiras colheitas, que não são inferiores às das melhores terras do setentrião paranàense.

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto de Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXVII | JULHO DE 1952 | Número 305

Sumário

O CAFÉ EM 1951

II

JOSÉ TESTA
(Da Superintendência do Café)

Sob o ponto de vista agrícola e agronômico, a safra de 1951 não foi das melhores. Registrámos a mais baixa safra do último quinquênio, no Estado de São Paulo e uma das mais baixas nos outros Estados, apenas compensada pelo aumento da do Paraná. Abstraindo-nos das avaliações, que exprimem apenas uma previsão, nem sempre verificável na colheita, e atendo-nos tão sòmente ao total do café liberado pelos diversos Estados brasileiros, nos cinco últimos exercícios, temos:

Total do café liberado pelos Estados (sacas)

Em 1947	Em 1948	Em 1949	Em 1950
15.222.364	17.746.876	16.941.800	15.287.120

Não obstante, foi bôa a qualidade do produto. A incidência da broca foi pequena, graças aos processos de combate que têm sido postos em prática nos últimos tempos, e para os quais conjugaram esforços os particulares e os poderes públicos. A infestação pelo bicho **mineiro** foi grave, e intensa a falta de chuvas.

Notou-se, principalmente em São Paulo, melhoria e ampliação de processos modernos de tratamento e plantio de cafeeiro. São cada vez mais numerosas as fazendas que vêm adotando curvas de nível, adubação orgânica e química, uso de progênies selecionadas, e até mesmo irrigação artificial.

A mão de obra continúa cara e escassa e, com isso e mais a queda de produção decorrente das más condições climatéricas, o preço do café, para o produtor chega a ser, em certas regiões, deficitário. Há fazenda que só mantêm a lavoura cafeeira graças aos lucros obtidos com outros produtos agrícolas e com a pecuária. Entretanto, se os modernos processos agronômicos forem mantidos e intensificados, tempo virá, e não distante, em que, mesmo as regiões chamadas "velhas" poderão produzir o café em bôas condições econômicas.

Novas zonas cafeeiras continuam a abrir-se ao cultivo, no Brasil. No Estado do Paraná, elas já atingiram a região de Campos do Mourão e do rio Paraná. O sul de Mato Grosso, o centro-sul goiano e o vale do rio Doce, tanto em Minas como no Espírito Santo (Colatina) são outras tantas zonas em expansão. Todavia, o fenômeno mais interessante, a nosso ver, é a reconquista das "velhas" terras cafeeiras de S. Paulo, Sul de Minas e mesmo do Estado do Rio, onde a moderna cafeicultura, feita à base dos mais racionais princípios de cultivo, vai ganhando terreno. Na região do Campinas, principalmente, terras que

há mais de cem anos foram plantadas em cafèzais, posteriormente transformadas em outras culturas ou em pastos, renascem para a cafeicultura, feita magnìficamente em bases novas e técnicas, nada ficando a dever às novas e vicejantes plantações do setentrião paranàense.

* * *

Se o café, nos últimos tempos, não tem tido o problema da superprodução, não lhe têm faltado, entretanto, outros percalços, nos mercados externos. Dentre êles, sobressairam o dos preços têto, o da concorrência africana e do "café solúvel".

Quanto a êste último assunto, vem-se verificando o que haviamos previsto: uma nova conquista no campo da técnica nunca póde ser detida, julguemo-la bôa ou má aos nossos desígnios. O que cumpre é adaptarmo-nos a ela, usando-a como aliada. Não cabe discutir se o café solúvel irá fazer com que o produto seja consumido em menor quantidade. Êle é, evidentemente, o café "moderno", o café feito para a nossa época de correrias e de pouco tempo. Se êle chegar a satisfazer, completamente, em paladar e em preços, firmar-se-á cada vez mais, no conceito público, seja qual fôr o juizo que dêle façam os produtores. O que nos cumpre, por conseguinte, em relação ao café solúvel, é admití-lo e procurar tirar dêle o proveito que nos fôr possível, e isso de dois modos: fazendo com que êle, ao envés de diminuir, aumente as vendas, pois se de um lado, pelo melhor aproveitamento, póde reduzir o consumo, de outro póde aumentá-lo, interessando maior número de pessôas, que anteriormente não o usariam tanto quanto possível, devido às dificuldades de preparo; e, em segundo lugar, adaptando-nos, nós próprios, à sua industrialização, exportando o artigo já preparado e ficando com os sub-produtos sob o ponto de vista da química e da produção de adubos. Há, além disso, outros méritos no café solúvel: menor praça nos navios e nos armazéns, quando, eventualmente, haja que ser conservado em estoque por motivo de grandes safras.

O fato é que não adianta "torcer" contra o café solúvel. Êle se imporá, se tiver mérito. E, nêsse caso, o que nos cabe fazer é adaptarmo-nos a êle. Sempre aconteceu assim, com tôdos os artigos, alimentícios ou não, em tôdos os paises e em tôdos os tempos.

* * *

Relativamente ao problema dos cafés africanos, o assunto deve ser examinado com a máxima objetividade. Nem tem a gravidade que alguns lhe querem dar, nem deve ser negligenciado totalmente, como cousa abstrata e fantástica. Existem, no problema desses cafés, aspectos favoráveis e desfavoráveis, que devem ser devidamente examinados, o que iremos fazer com a concisão que esta breve síntese permite, mas procurando focalizar bem a questão, sem omitir-lhe os detalhes essenciais.

Do ponto de vista favorável, devemos admitir os seguintes itens: a) mercados preferenciais, nas metrópoles das colônias africanas; b) preços de produção mais baratos; c) menores fretes, para o velho mundo, que é o maior mercado para êsses cafés; d) bôas possibilidades de financiamento e assistência financeira; e) bons preços atuais para

o café, estimulando tôdas as atividades relativas ao plantio e melhoria do produto. Foram, aliás, vários dêsses fatores estimulantes que permitiram ao café africano o surto apresentado nos últimos trinta anos, em que êle evidenciou um aumento de dez vezes na sua produção. Realmente, ainda em 1923 foi a mesma calculada em 444.903 sacas, número êsse que em 1951 pulou para 4.765.000, numa subida contínua, com uma única exceção no período de 1939 a 41, por dificuldades relativas à guerra.

Entretanto, são também vários e poderosos os fatores negativos. Alguns estudiosos do problema chegam, mesmo, a dizer que êstes prevalecerão, e que o continente negro já atingiu seu ponto de saturação no produção cafeeira, ou está muito próximo do mesmo. Dentro êsses podem-se citar: a) ineficiência, irregularidade e escassês do braço nativo, que não poderia ser melhorado num futuro próximo; b) pragas e moléstias muito numerosas, estimuladas pelas condições climáticas, e muito difíceis de combater; c) condições meteorológicas edáficas que impedem a disseminação do café **arábica**, só permitindo a dos cafés **robusta** e outros, inferiores em aspecto, aroma e sabor; d) grande dificuldade de transportes, no interior africano; e) falta de água, na maior parte do continente.

Êsses últimos autores chegam mesmo a dizer que a África é um continente em regressão, um continente moribundo: terras cada vez piores, cada vez menos água, cada vez mais pragas. Os prejuízos de educação e de cultura, entre as populações indígenas, são quase insanáveis, porque se fundam em intransponíveis motivos religiosos. A tsé-tsé parece impossível de se erradicar; as areias invadem sempre novas zonas; a água nem o sub-solo se encontra.

É possível concluir que a argumentação em favor dos fatores negativos seja mais convincente. Entretanto, duas afirmações em contrário são também evidentes: 1.ª) A Europa, superpovoada e com técnica e dinheiro, não irá abandonar à sua sorte uma parte do mundo com a enorme superfície de 30.000.000 de quilômetros quadrados; 2.ª) O homem, sempre investigando, consegue a cada dia que passa novas descobertas: tanto o combate às pragas e moléstias, como a melhoria dos solos, como os processos de pesquiza de água, de organização das populações, tudo evolui, constantemente, e com maior rapidez do que se poderia pensar.

Não se deve, pois, olhar com displicência a hipótese de conseguir o continente negro melhorar, em quantidade e qualidade, a sua produção de café. Aliás, ambas as cousas vêm acontecendo, pois se é verdade que as quantidades têm crescido no alto nível que acima constatámos, por outro lado as qualidades têm consideràvelmente melhorado, não se falando já nos "arábica" de Kênia, porém mesmo nos "robusta" de Angola e Congo Belga, os quais vêm sendo apresentados com excelente aspecto nos mercados européus e norte-americanos, sendo alguns lotes até lavados.

De tôda essa exposição e do exame profundo do problema, duas conclusões podemos retirar: uma, a de que o progresso cafeeiro da África, se continuar ainda por muito tempo, não será, em qualquer hipótese, mais acelerado que o aumento do consumo mundial; outra,

a de que não poderemos, é evidente, obstar diretamente aquele progresso, cabendo-nos defendermo-nos em nosso sector. De onde resulta que o que nos cabe é prosseguir em nossa campanha pela melhoria progressiva de nossos cafés, em qualidade e em produtividade por area. Êste ponto é muito importante: produzir mais **por pé de café** e não o que vimos fazendo, isto é, produzir mais, extensivamente. Produzir mais por área, equivale a produzir mais por menor preço. Com menores preços e melhores qualidades, a concorrência estrangeira, e principalmente a africana, que é difícil, não conseguirá vencer-nos.

* * *

Resta-nos falar sôbre a questão dos preços. Como vimos, inicialmente, o preço médio por saca posta a bordo continuou a aumentar, em 1951, com referência aos anos anteriores. Entretanto, êsse preço relativamente favorável sòmente foi mantido graças a uma árdua vigilância, pois durante tôdo o ano prosseguiram as manobras tendentes a deprimir as cotações, aqui e nos Estados Unidos, não obstante a excepcional posição estatística do café.

Campanhas e manobras como essas são explicáveis. São as velhas leis do comércio, de comprar pelo mínimo e vender pelo máximo. Todavia, no momento elas se apoiam em um fato ocasional, que lhes dá grande auxílio: o preço teto. Realmente, estando os preços do café impossibilitados de oscilar nos dois sentidos, o de alta e o de baixa, só lhes resta a oscilação no sentido da baixa, donde a impossibilidade, para os comerciantes ou os especuladores, de jogar nos dois sentidos. São obrigados a forçar a baixa para se garantirem um lucro certo, pois a subida além de certos limites é impossível. Dir-se-á que os preços limite não foram atingidos. Entretanto, não se póde negar o efeito psicológico, frenador, daquêle limite, no sentido de impossibilitar a especulação franca e normal da oferta e da procura. Aliás, o recente estabelecimento do preço mínimo pelo govêrno brasileiro, impede também a oscilação no sentido da baixa.

Não nos parece que o preço teto esteja com os seus dias contados. Ainda há pouco, o Presidente Truman teve prorrogados por mais um ano os seus poderes de contrôle sôbre os preços e, evidentemente, a meia economia de guerra dos Estados Unidos continuará a exigi-los, não se compreendendo que os suspenda. Entretanto, excepções já foram feitas, em certos casos, com relação a outros produtos, alguns sul-americanos. Nunca é, pois, inteiramente descabida a tese de uma revisão dos preços teto do café, não obstante se tratar de assunto mais político e diplomático que mesmo econômico.

Êsse, o da falta de flexibilidade do mercado, é o principal argumento contra o preço teto. Há todavia, outros, e numerosos. Dentre êles, poderiam ser apontados, grosso modo, os seguintes: 1) o café foi um dos artigos cujo preço menos se elevou, nos últimos tempos, nos Estados Unidos; 2) as mercadorias que dali importamos têm subido, em geral, mais que o café; 3) os dólares que obtemos com a venda do café aos Estados Unidos, retornam àquêle país, para aquisição de nossas utilidades, muitas delas essenciais: quanto mais café vendermos, mais poderemos comprar; 4) a política da "boa vizinhança" se alicerça, em grande

parte, no café: não se póde comprendê-la apenas platonicamente, e, se ela têm que ser posta em bases práticas, então convenhamos que a primeira dessas bases é a do café; 5) nossos fazendeiros, e mesmo os intermediários, não ganham exageradamente com os atuais preços do café, havendo mesmo zonas deficitárias. O comércio distribuidor, nos Estados Unidos, aufere lucros maiores que os dos brasileiros, conforme tem sido demonstrado; 6) há falta de cafés, no mundo, de vez que a produção vem sendo menor do que o consumo, o que faz diminuir, de ano para ano, os estoques, os quais atingiram, agora, ao seu ponto mais baixo. Sòmente bons preços, poderão manter em bons níveis a produção; 7) por outro lado, só os bons preços poderão permitir um melhor tratamento dos cafeeiros, e mesmo uma renovação das práticas agrícolas, tendentes a conseguir um produto cada vez melhor e com melhor produção **por área**, ou **por árvore**, ao contrário do que até agora acontecia; 8) mesmo às cotações atuais, o café é ainda a mais barata das bebidas, a mais prática, a mais fácil, e anti-alcoólica por excelência; 9) qualquer preço teto, qualquer tabelamento, constitui um artificialismo, uma intervenção do Estado, que se deve desejar mínima em tôda parte, e principalmente no país clássico do **free-enterprise**.

(Quadros estatísticos às págs. 10, 11 e 12)

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CAFÉ

(1919 - 51)

ANOS	TOTAL (Sacas)	PARA A EUROPA (Sacas)
1919	12 963 250	6 214 000
1920	11 524 780	4 544 543
1921	12 368 612	5 465 266
1922	12 672 536	5 741 996
1923	14 465 582	6 020 048
1924	14 226 482	6 290 440
1925	13 481 955	5 584 609
1926	13 751 479	5 379 715
1927	15 115 061	6 078 306
1928	13 881 443	5 565 052
1929	14 280 815	5 859 753
1930	15 288 409	6 112 076
1931	17 850 872	7 172 799
1932	11 935 244	4 532 797
1933	15 459 309	5 966 935
1934	14 146 879	5 646 809
1935	15 328 971	5 522 866
1936	14 185 506	5 188 387
1937	12 122 809	4 589 398
1938	17 112 524	6 843 209
1939	16 498 525	6 100 318
1940	12 045 715	1 874 355
1941	11 054 566	340 267
1942	7 279 658	358 745
1943	10 115 969	718 505
1944	13 558 122	858 453
1945	14 172 052	1 554 448
1946	15 609 499	3 072 207
1947	14 687 627	3 600 428
1948	17 492 313	3 940 858
1949	19 368 468	5 250 933
1950	14 834 900	3 835 897
1951	16 358 008	4 547 772

Fontes: D.N.C. — Serviço de Estatística Econômica e Finanças.

A POSIÇÃO DO BRASIL NOS FORNECIMENTOS DE CAFÉ À EUROPA E AOS ESTADOS UNIDOS

ANOS	Exportação do Brasil p/Europa	Exportação do Brasil p/E. Unidos	Importação de cafe pela Europa	Importação de café pelos E. Unidos
1914	5 177 073	5 532 081	7 036 607	7 578 724
1915	9 046 166	7 194 594	6 800 231	8 465 309
1916	5 824 913	6 577 390	7 094 687	9 088 847
1917	3 526 815	6 291 079	5 238 070	9 987 673
1918	1 962 125	4 562 429	4 235 279	8 656 003
1919	6 214 000	6 214 829	8 169 383	10 091 288
1920	4 544 543	6 248 018	7 328 906	9 812 932
1921	5 465 266	6 136 808	9 114 611	10 147 407
1922	5 741 996	5 966 224	8 696 870	9 429 131
1923	6 020 048	7 439 360	8 450 104	10 668 222
1924	6 290 440	8 966 511	8 872 327	10 751 947
1925	5 584 609	7 617 107	9 099 195	9 713 918
1926	5 379 715	7 466 336	9 188 177	11 300 158
1927	6 078 306	7 946 202	10 076 324	10 846 309
1928	5 565 052	7 274 201	10 187 859	11 021 686
1929	5 859 753	7 114 185	10 521 742	11 216 480
1930	6 112 076	8 005 837	12 152 405	12 102 782
1931	7 172 799	9 537 627	12 677 250	13 165 922
1932	4 532 797	6 486 031	11 421 920	11 348 441
1933	5 966 935	8 352 592	11 291 884	11 992 002
1934	5 646 809	7 600 595	11 261 927	11 423 618
1935	5 522 866	8 694 327	11 580 934	13 308 051
1936	5 188 387	8 021 738	11 240 702	13 176 487
1937	4 584 398	6 590 088	11 397 821	12 856 593
1938	6 843 209	9 078 176	12 492 801	15 052 789
1939	6 100 316	6 177 337	9 225 884	15 259 591
1940	1 878 355	8 883 528	3 242 193	15 536 209
1941	340 267	9 804 811	648 150	17 037 405
1942	358 745	6 189 166	540 856	13 111 822
1943	778 505	8 553 664	850 931	16 631 497
1944	858 453	11 611 440	1 012 813	19 716 548
1945	1 554 448	11 690 554	1 926 522	20 545 196
1946	3 072 207	11 103 672	3 766 237	20 559 255
1947	3 600 428	9 754 708	6 854 698	18 910 737
1948	3 940 858	11 726 331	7 178 098	20 969 161
1949	5 250 933	12 321 910	6 172 403	22 105 324
1950	3 835 897	9 746 391	8 112 025	18 440 045
1951	4 547 772	10 505 539		

EXPORTAÇÕES DE CAFÉ BRASILEIRO, NO ÚLTIMO QUINQUÊNIO

Quantidade e Valor

	1947	1948	1949	1950	1951
Quantidade (Sacas de 60 k.)	14 687 627	17 492 313	19 368 468	14 834 900	16 358 008
Valor (Cruzeiros)	7 623 189 766	9 018 548 305	11 610 425 505	15 907 584 187	19 456 821 538

O SOMBREAMENTO DOS CAFÉZAIS, NO ESTADO DE S. PAULO

Pedro Corrêa Neto

Em todos os ramos da atividade humana, na ciência, na agricultura, no comércio ou na indústria, há os que vencem e os que fracassam. Não podia fugir a esta regra a prática do sombreamento da lavoura cafeeira, tendo surgido duas opiniões antagônicas: aqueles que visitam as fazendas em que o sombreamento venceu, são favoráveis a este processo; os que ouvem os experimentadores fracassados, são contrários. Há ainda um grupo indiferente posto à margem, porque são neutros por comodidade ou sempre contra, por espírito de rotina.

Porque estas opiniões adversas entre pessôas inteligentes e criteriosas?

Porque não houve um estudo rigoroso e sério por parte das fazendas experimentais, consideradas mentoras da agricultura. As experiências deviam ter sido feitas nas fazendas experimentais, há 14 ou 20 anos, começando por uma plantação com todo o rigor, como se pratica nos países ou estados onde o sombreamento é o método adotado: plantar numa terra virgem sementes de uma leguminosa (ingàzeiro que é o mais adotado,) ao mesmo tempo que as sementes de café oriundas de Sta. Catarina ou Colômbia, por exemplo. Ao lado fazer plantação idêntica, mas, com sementes de cafeeiro insolado, plantar o ingá e o café numa terra cansada, plantar ingá numa lavoura em produção e plantá-lo num cafèzal velho, decadente, em terra cansada. Quanto ao clima, à conformação do terreno, à umidade do ar e o do solo, à qualidade da terra, etc., não seria preciso cogitar, porque as zonas de café sombreado do mundo inteiro apresentam caracteres os mais diferentes.

Os fazendeiros que visitassem estas fazendas teriam uma noção exata sôbre o que deviam fazer. As dissertações dos agrônomos seriam criteriosas e sábias; saberiam corrigir os êrros quando a produção falhasse e não mandariam cortar os ingàzeiros como fazem muitos agrônomos regionais. Não dariam palpites, nem resvalariam para o campo da teoria. Hoje predomina uma atmosfera de incertezas e dúvidas. Há pouco tempo um competente agrônomo escreveu na "Fôlha da Manhã" que em todo o mundo a broca prefere a sombra e que na parte sombreada da Fazenda Mato Dentro, do Instituto Biológico, encontrou muito mais broca que na lavoura insolada. No dia 3 de março, fui à Fazenda Mato Dentro acompanhado do agrônomo Dr. Itamar Prudente e de seu irmão Sr. Jair Prudente Corrêa. Pedí ao Diretor Dr. Orestes Falanghe que, delicada e cavalheirescamente nos acompanhava, me mostrasse alguns caroços de café brocado. Nos cafeeiros sombreados, todos procurando não puderam achar a broca que, no entanto foi encontrada em larga escala logo que penetramos na zona insolada. Que se desse o inverso, que a broca fôsse encontrada nos cafés maduros e verdes do sombreado, não prejudicaria a se-

guinte tese que eu e os umbrófilos defendemos: Nos cafèzais insolados pelo ingàzeiro, quando se restabelece o húmus, a broca deixa de existir. Em Mato Dentro o sombreamento é feito pelo angico e não se formou ainda o manto do húmus.

Por ocasião da maior infestação da broca em Caçapava, 70%, o distinto agrônomo Barros Alcântara ofereceu 2 sacos de café beneficiado a quem, em 24 horas lhe apresentasse 5 grãos de café brocado colhido em sua lavoura sombreada. Os chaufeurs presentes, da copiosa comitiva que foi ver o sombreamento, aceitaram a oferta mas não puderam receber o prêmio porque não encontraram os cafés brocados. Na imensa maioria das lavouras sombreadas de S. Paulo, não há broca. Qual o motivo, si a broca gosta mais da sombra? A resposta depende de observação e não de leitura. Não se pode atribuir êsse fenômeno à boa colheita e ao repasse — porque na fazenda do Sr. Alcântara podem ser arrancadas mais de cem mudas debaixo de cada pé de café.

No mesmo artigo o referido agrônomo assevera que o ingàzeiro é um concorrente do cafeeiro no consumo da reserva de umidade do solo. Pura ilusão. É sabido que o ingàzeiro com as suas folhas humifica a terra; e onde há húmus, não há enxurrada nem erosão; havendo absorpção das águas de chuva e umidade do solo é grande e suficiente para manter o cafeeiro e o ingàzeiro. Tal qual numa mata — a reserva de umidade sustenta tôdas as árvores em qualquer época do ano.

As safras de café do Estado de São Paulo, cada vez mais reduzidas, serão nestes 2 ou 3 anos suplantadas pelas do Paraná em constante ascenção. As estatísticas indicam que a lavoura de café paulista em curto prazo terá o mesmo fim que a do Estado do Rio e de Minas, assoberbada pelas pragas, pela erosão e pela pouca nebulosidade. Mas quem visita em cada zona do Estado uma fazenda sombreada modifica este prognóstico. É o que acabo de realizar. Penso que a hegemonia da produção do café no Brasil será mantida. A lavoura insolada do Paraná terá o mesmo fim a dos outros Estados cafeeiros. Entretanto, quando a produção dêste Estado começar a cair, a de São Paulo, restaurada e ressurgida pelo sombreamento, a substituirá com vantagem. Há fazendas sombreadas nas piores zonas cafeeiras paulistas cuja produção é superior a das melhores lavouras paranaenses da mesma idade.

A lavoura sombreada do Sr. Barros Alcântara, em Caçapava, apresenta uma vestimenta luxuriante e um fruto pendente avaliado em 130 arrobas por mil pés. A sua produção está subindo todo o ano, ao passo que a dos insolados visinhos, está caindo verticalmente. Um fato digno de atenção: cada ano que passa os cafeeiros vão se adaptando mais à sombra. A fazenda vertente está com sombra excessiva e bôa produção. Quando nos primeiros tempos de sombreamento precisava que a sombra fôsse rarefeita para dar produção compensadora.

Uma herva rasteira, a trapoeraba, cobre quasi todo o chão, sem prejudicar o cafèzal. Será que ela auxilia a decomposição das folhas do ingàzeiro?

Não encontrei nem um grão de café brocado.

A Fazenda Caetê, em Bragança Paulista, apresenta uma grande área sombreada, para mais de cem mil pés. Anteriormente compunha-se de tôcos com raros ramos de café, sôbre um chão vermelho onde não nascia nem mato. O finado Cel. Artur Siqueira, pai do atual gerente agrônomo Franklin Siqueira, fazendeiro inteligente, resoluto, mas, de poucas palavras, sugestionado com a leitura do livro "Rincões dos Andes" do Dr. Rogério de Camargo, antes de reflorestar toda aquela área esteril, resolveu ir com outro fazendeiros visitar a fazenda sombreada de Caçapava. Todos encantados com o sombreamento, fizeram rasgados elogios ao agrônomo Barros Alcântara. Impressionado com o mutismo do Sr. Artur Siqueira, que não havia articulado uma só palavra, o Sr. Alcântara perguntou-lhe: "O que acha, coronel?" Apenas respoudeu: "tem fundamento". Chegando em Bragança mandou executar o reflorestamento com ingàzeiro (ocupando a maior área), com pinheiro e eucalípto. O cafèzal sob o pinheiral voltou bonito, mas, improdutivo. O coberto pelo eucaliptal desapareceu. O sombreado pelo ingàzeiro ferradura, o mais apropriado para a zona, porque é o único que se encontra nas matas locais, ressurgiu, com a fôrça de lavoura de 20 anos. Na parte onde não há mais erosão, onde a recuperação do húmus já se fez com as folhas do ingàzeiro, a produção é maior que a outra lavoura deixada a pleno sol, por estar em franca produção. O ingàzeiro rabo de mico não se desenvolveu bem nas terras frias e penduradas do Caetê.

Esta experiência do Cel. Artur Siqueira veio demonstrar que para o reflorestamento da terra cançada de café, a árvore que mais se presta é o ingàzeiro. É rústica, de crescimento rápido e a que produz mais húmus.

A broca não se encontra na lavoura sombreada da Fazenda Caetê, nem nas barrocas. Ao passo que nas barrocas do cafèzal insolado, a broca, embora sempre combatida, ainda existe.

Há 7 anos a fazenda do ilustre prefeito de Monte Aprazível, Dr. Lavínio Luchesi, era tão improdutiva que não pôde ser colonizada, nem a 100/100 de lucro para os colonos. O seu proprietário, agrônomo competente, solucionou o caso, sombreando-a, deixando insolados como testemunha 4 mil cafeeiros, os únicos produtivos. Estes 4 mil pés têm sido sempre adubados com adubo mineral e feijão de porco. A lavoura sombreada reagiu de um modo assombroso, estando com uma bôa carga, bem superior a do talhão insolado. Não se encontra broca, bicho mineiro, nem olho pardo.

O prefeito de Taquaritinga, Sr. Ernesto Savigni teve o arrôjo de sombrear há 7 anos 50 mil pés de café de sua fazenda em completa decadência, deixando apenas uma pequena parte insolada, a melhor, com 6 mil pés. O agrônomo regional afirmava que o Sr. Ernesto estava errado, que o sombreamento não dava resultado. Hoje a lavoura sombreada apresenta um belo aspecto, com bôa produção, bem maior que a da lavoura insolada. O Sr. prefeito, dotado de grande espírito público, acha-se satisfeitíssimo por ter encontrado para a sua lavoura uma solução que poderá ser aproveitada pelos fazendeiros da zona, fazendo ressurgir dos campos e dos cafèzais velhos uma lavoura sadia e produtiva. Não se encontra broca nem bicho mineiro. O café é graudo

diz o Sr. Ernesto, não só pela sombra que torna o cafeeiro homogêneo e robusto como pela florada que, sendo tardia, alcança a estação das chuvas.

A fazenda do Sr. Domingos Leonardes, em Bragança Paulista, dividia-se em duas partes diferentes na conformação do solo: uma em terreno bem feito, com bôa vestimenta e produção; outra em terreno tão inclinado que nos carreadores não podia e nem pode passar veículo algum, nem carroça. O cafèzal que nesta parte se transformara em tôcos sôbre um terreno lavado e eminentemente erosado, foi sombreado. Hoje ambas as lavouras são iguais e com a mesma produção; notando-se que o Sr. Leonardes, homem rico, não poupa esforço nem dinheiro para trazê-la bem tratada e bastante adubada. Os cafèzais semi-mortos ressuscitaram com tanta exuberância de vida que, com o espaço de 15 palmos, os galhos se encontraram.

É das fazendas mais produtivas da região.

O sombreamento do Dr. Mário Rodrigues Costa, em Penápolis, é espetacular, fantástico; não só pelo crescimento rápido dos ingàzeiros que apenas contam 3 anos e meio, como pela produção da lavoura com 120 arrobas por mil pés. Na parte insolada, onde o ingàzeiro não faz sombra por ser novo, a safra não alcança a metade. A sombreada é inteiramente livre da broca e do bicho mineiro. A lavoura insolada foi fortemente castigada por êste último parasita, tendo perdido no inverno todas as folhas.

Assevera o Dr. Mário Costa que os pióres inimigos do sombreamento não são os indiferentes e os incrédulos, são os que o fazem errado. É uma opinião sábia porque todos seguem algum exemplo, alguma escola. O homem medíocre que constitúe a maioria do povo de qualquer país, no dizer dos grandes pensadores, visceralmente rotineiro, não analiza: opta pela corrente cuja opinião coincide com o que está habituado a fazer. O homem esclarecido, o pioneiro, que distingue o certo do errado, que sabe separar o joio do trigo, representa absoluta minoría. De sorte que a vitória de qualquer método desconhecido, que se queira implantar, é lenta e depende de provas claras, acompanhadas de muito esforço e trabalho.

Todos sabemos que a fazenda sombreada do Sr. Manoel Sampaio de Barros Junior, em São Manoel, é uma das melhores. Descontando 30% de falhas cujas replantas ainda são novas, produziu o ano passado 103 arrobas por mil pés. Nestes últimos anos, não tendo sido atacada pela broca e outros parasitas e pouco sentindo a sêca, mantém safras, 50% a mais das da parte insolada, que não pôde ser sombreada pelos ingàzeiros, que ainda são novos.

No centro da Fazenda Bôa Esperança, em Botucatú, do Dr. Souza Aranha, havia 17 mil cafeeiros deficitários. Resolveram sombreá-los e abandoná-los sem trato algum, enquanto que a lavoura insolada tem sido bem tratada e adubada. Hoje a produção da sombreada é superior a média da produção dos cafeeiros insolados. Não existe broca no cafèzal sombreado.

A maior parte da lavoura do Sr. Urbano Bomfim, em Cravinhos, muito velha e atacada pelos liquens e caramujos, nada produzia. O Sr. Bomfim resolveu sombreá-la conservando insolada a parte nova e

produtiva. O ano passado o cafèzal sombreado produziu uma média de cem arrobas por mil pés, enquanto o insolado e as lavouras dos fazendeiros visinhos virtualmente nada produziram. Os liquens desapareceram assim como os caramujos. É extraordinária a fuga ou morte dos caramujos, porque é sabido que estes parasitas apreciam as barrocas, os lugares úmidos e sombrios.

Consultando os boletins meteorológicos, de 25 anos a esta parte, verifiquei que as chuvas e a nebulosidade, na zona de Ribeirão Preto, diminuiram mais ou menos 40%. Os dias de insolação tendo sido aumentados, e as águas pluviais em grande parte perdidas em enxurradas que se precipitam para os rios, ainda mais agravaram a situação precária das fazendas.

Formou-se na grande e importante região do Estado um ambiente impróprio e inóspito para o café. A irrigação, processo caro e ao alcance de poucos, melhora a situação mas não resolve o problema. Continua a carência de húmus, a irradiação solar causticante e a fraca nebulosidade.

A única solução é o sombreamento que restitui ao solo o húmus que por sua vez absorve as águas das chuvas, evitando as erosões; que fornece ao cafeeiro um habitat mais ou menos semelhante ao do primitivo tempo quando imperava a mata virgem. Temos o remédio — o ingàzeiro — cuja eficácia tem sido verificada, como acabo de expôr, em todos os rincões do Estado de São Paulo.

SINTOMAS DE DEFICIÊNCIAS MINERAIS NO CAFEEIRO (1,2,3)

C. M. FRANCO e H. C. MENDES, engenheiros agrônomos, Secção de Fisiologia e Alimentação das Plantas, Instituto Agronômico de Campinas

1 — INTRODUÇÃO

O método de cultura em soluções nutritivas tem sido largamente usado nos estudos sôbre a nutrição das plantas. Sem dúvida, é o que oferece maiores possibilidades e segurança em tais estudos. No solo, os fatôres que influem no aproveitamento dos elementos minerais nêle contidos são complexos, múltiplos, muitos dêles mal conhecidos ainda, o que torna impossível o contrôle eficiente do meio. Em uma solução nutritiva podem-se controlar, com maior precisão, as quantidades e proporções de cada elemento disponível às plantas, a sua forma química, a acidez do meio, etc.

Torna-se, por êsse modo, muito mais fácil e seguro o estudo dos fenômenos básicos da nutrição vegetal, tais como os sintomas manifestados pelas plantas em conseqüência da deficiência ou excesso dos elementos minerais.

São poucos os estudos dessa natureza feitos com o cafeeiro e dêles faremos referência ao discutir os resultados obtidos. O conhecimento dos sintomas de deficiências obtidos artificialmente em soluções nutritivas é de grande utilidade na identificação das deficiências minerais do solo, em condições de cultura. Não se deve, entretanto, exagerar a ponto de usa-los como um guia único para a prática de adubações, pois as plantas freqüentemente reagem aos fertilizantes, antes mesmo que sejam visíveis os sintomas característicos de que trataremos adiante.

2 — MATERIAIS E TÉCNICA EXPERIMENTAL

Sementes de **Coffea arabica** L. var **bourbon** (B. Rodr.) Choussy, foram semeadas em areia lavada de rio, em 21 de outubro de 1946, e as plantinhas, apenas com os cotilédones e o primeiro par de fôlhas verdadeiras em início de desenvolvimento, foram transferidas para solução nutritiva completa de Hoagland (5), em 4 de janeiro de 1947. A opção por essa solução se deu em vista de ter sido a que melhores resultados apresentou num ensaio preliminar realizado com várias fórmulas de soluções nutritivas. E, por indicação da literatura, de ser o cafeeiro pouco exigente em fósforo (6, 7), a solução conteve apenas a têrça

---

(1) A publicação dêste trabalho é feita sob os auspícios da Serrana S.A. de Mineração.

(2) Trabalho apresentado à Segunda Reunião Brasileira de Ciência do Solo, realizada no Instituto Agronômico de Campinas, de 11 a 22 de junho de 1949.

(3) Reimpresso de Bragantia 9:165-173, 1949.

parte da quantidade de KH_2PO_4 preconizada na fórmula original. Assim, a composição da solução inicial foi a seguinte:

	g/l
KNO_3	0,506
$Ca(NO_3)_2$	0,590
$MgSO_4$	0,250
KH_2PO_4	0,022
H_3BO_3	0,001
$MnCl_2$	0,0005
Fe	0,005

O ensaio foi instalado em frascos de vidro neutro de um litro de capacidade, providos de dispositivo para a aeração contínua das soluções por meio de borbulhamento de ar proveniente de um compressor.

Os frascos foram pintados externamente com tinta preta, a fim de vedar a entrada de luz, e sôbre aquela tinta aplicou-se esmalte branco, que refletindo a luz incidente restringe bastante o aquecimento da solução nutritiva no interior do frasco.

O ensaio foi realizado no interior de uma estufa de vidro, sendo a posição das diferentes séries de frascos, umas em relação às outras, trocadas freqüentemente a fim de se eliminar o efeito contínuo de algum fator, principalmente da iluminação, sôbre uma única ou apenas algumas séries. Para facilitar o preparo das soluções nutritivas usaram-se "soluções-estoque" dos sais empregados. As soluções nutritivas eram então preparadas tomando-se determinados volumes das soluções-estoque e diluindo-os em água distilada até a concentração desejada. Foram sempre empregados sais puros pró-análise.

O ferro foi adicionado na proporção de 5 ppm e inicialmente sob a forma de citrato. Mais tarde usou-se citrado de ferro amoniacal e também sulfato ferroso. Nas ocasiões em que êste último foi empregado interrompeu-se a aeração das soluções por dois dias, a fim de retardar a sua oxidação a sulfato férrico. Quando se eliminou o nitrogênio das soluções de uma série de plantas, usou-se sulfato ferroso ou citrato não amoniacal como fontes de ferro. Também na série sem enxôfre, não se usou o sulfato e sim o citrato.

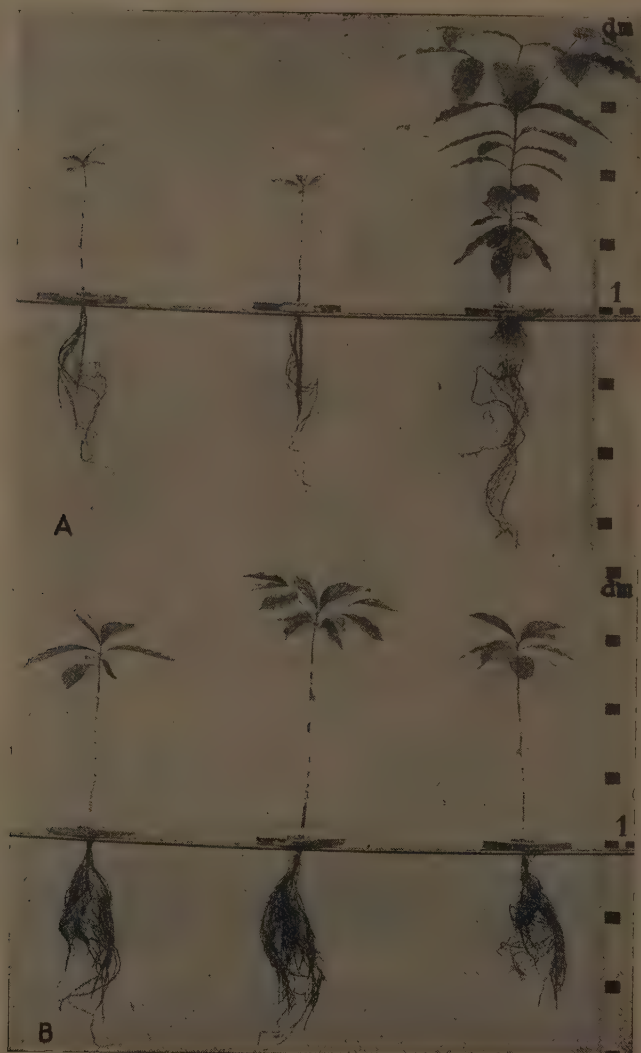
O **pH** não foi artificialmente controlado durante o ensaio, tendo oscilado principalmente entre os valores 5,8 e 7,2.

O cafeeiro absorve dificilmente ferro em meio com **pH** próximo a 7,0, na presença de fósforo. Para contornar essa dificuldade usou-se a técnica já descrita em outro trabalho (3), de omitir o fosfato das soluções nutritivas por alguns dias, até que as plantas se restabeleçam da clorose de ferro.

De início, foram colocadas duas plantinhas em cada frasco. Ao cabo de um mês homogeneizou-se o lote, rejeitando-se as plantas que apresentassem desenvolvimento muito abaixo ou acima da média (cêrca de 11 centímetros de altura) ficando cada frasco com uma única planta (est. 1-A).

Deficiências minerais no cafeeiro **ESTAMPA 1**

A — Plantas do ensaio, fotografadas 34 dias após a sua transferência para a solução nutritiva. **B** — Plantas da série mantida em solução nutritiva completa, **fotografadas com um ano de idade.**

Deficiências minerais no cafeeiro **ESTAMPA 2**

A — Primeira série sem fósforo, fotografada 14 meses após a omissão dêste elemento; a planta à direita recebeu novamente fósforo após haver vegetado 4½ meses em solução sem tal elemento. **B** — Plantas da segunda série sem fósforo, fotografadas 10 meses após a omissão dêsse elemento.

Após três meses e meio de permanência das plantinhas na solução nutritiva completa, foram elas repartidas em dez séries de três plantas cada uma. Uma série continuou em solução completa com aeração, outra em solução completa sem aeração e as demais séries foram postas, respectivamente, em solução nutritiva com aeração, mas sem um dos elementos dos quais se desejava conhecer os sintomas caraterísticos de deficiência, isto é, **N, P, K, Mg, Ca, S** e **Fe.**

As soluções nutritivas empregadas para a obtenção dos sintomas de deficiências foram as de Hoagland e Arnon (4), cujas fórmulas estão condensadas no quadro 1:

QUADRO 1. — Composição química das diferentes soluções nutritivas empregadas para obtenção dos sintomas de deficiências minerais no cafeeiro jovem

Soluções-estoque	Composição, por litro, das soluções nutritivas					
	Sem **N**	Sem **P**	Sem **K**	Sem **N**	Sem **P**	Sem **K**
	ml	ml	ml	ml	ml	ml
0,5 M K_2SO_4	5	.....	.....	3	.....	.....
M $MgSO_4$	2	2	2	.....	2	.....
0,05 M $Ca(H_2PO_4)_2$	10	.....	10	.....	.....	.....
0,01 M $CaSO_4$	200	.....	.....	.....	.....	.....
M $Ca(NO_3)_2$	.....	4	5	4	.....	4
M KNO_3	.....	6	.....	6	5	6
M KH^2PO_4	.....	.....	.....	1	1	1
M $Mg(NO_3)_2$	.....	.....	.....	.....	.....	2

Inicialmente, as soluções nutritivas foram renovadas cada três semanas. À medida que as plantas iam crescendo, ia-se fazendo a substituição com maior freqüência, até torná-la semanal. O fósforo foi retirado da solução nutritiva de uma das séries em 31 de janeiro de 1947, antes de demais elementos, em vista de Jacob (6, 7) mencionar o cafeeiro como muito pouco exigente dêsse elemento. Como, porém, os resultados não concordaram com essa conclusão de Jacob, retirou-se o fósforo de mais uma série em 16 de abril de 1947, quando também foram omitidos, das soluções nutritivas, os demais elementos em estudo.

3 — RESULTADOS OBTIDOS

3.1 — OBSERVAÇÕES GERAIS

Não foi possivel chegar-se a uma conclusão definitiva quanto à vantagem da aeração contínua da solução nutritiva, para o cafeeiro jovem. Isto porque o compressor de ar empregado não funcionou com a devida regularidade, em virtude da sua pequena pressão.

Não se notou diferença apreciável entre os sistemas radiculares da série com aeração e da sem aeração, apesar de esta ultima, desde a transferência das plantinhas para a solução nutritiva, não ter sido arejada. As partes vegetativas apresentaram idêntico desenvolvimento em ambas as séries. Há, portanto, indicação de que a aeração não é indispensável para o desenvolvimento do cafeeiro jovem em meio líquido, o que está de acôrdo com a conclusão a que chegou Jacob.

No ensaio prévio com várias soluções nutritivas, verificou-se que a presença de NH_4NO_3 na solução proporcionava absorção excessiva de nitrogênio pelo cafeeiro. Nestas condições, as fôlhas se desenvolvem inicialmente muito mais no sentido do comprimento do que no da largura, tornando-se quase irreconhecíveis como fôlhas de **C. arabica.** Mais tarde têm, entretanto, a conformação normal, sendo, porém, de tamanho excessivamente grande e textura macia ao tato. Ao cabo de poucos meses, as plantinhas murcham e morrem, parecendo concorrer para isto o excesso da transpiração sôbre a absorção de água, em conseqüência da superfície folhar exagerada.

A grande facilidade com que o radical NH_4^+ é absorvido faz com que o **pH** da solução baixe, em virtude do acúmulo do radical NO_3^- na solução.

Conforme foi dito anteriormente, o cafeeiro absorve mal o ferro das soluções nutritivas completas, portanto contendo fósforo, quando o seu **pH** não fôr suficientemente baixo, o que se evidencia pela facilidade com que mostra os sintomas característicos da deficiência daquele elemento. Esta deve ser a razão de ter sido o cafeeiro considerado como planta que "prefere" meio ácido, com pH entre **4,2** e **5,1** (2). Usando a técnica já atrás descrita, de se omitir, de vez em quando, o fosfato da solução, por alguns dias, as plantas se desenvolveram normalmente em soluções com **pH** compreendido geralmente entre **5,8** e **7,2.** Esta técnica é muito mais simples do que o contrôle do **pH** da solução nutritiva.

3.2 — DESENVOLVIMENTO DAS TESTEMUNHAS

As plantas testemunhas, que vegetaram em solução nutritiva completa durante todo o curso da experiência, tiveram um desenvolvimento perfeitamente normal quanto ao crescimento de suas partes e à coloração das fôlhas, que era a verde escuro, característica do cafeeiro bem nutrido (est. **1-B 7-A** ([1]).

3.3 — DEFICIÊNCIA DE NITROGÊNIO

Após a omissão do nitrogênio da solução nutritiva, as plantas tiveram um desenvolvimento muito retardado. O desenvolvimento das raízes foi menos prejudicado do que o das partes aéreas dando, por isso, origem a um sistema radicular maior em relação à parte aérea Não houve diferenciação das gemas laterais para a produção de galhos, ficando as plantas ùnicamente constituídas da haste principal e suas fôlhas. Estas exibiam clorose uniforme no limbo, caracterizada por

---

(1) As aquarelas que ilustram êste trabalho são de autoria do Sr. José de Castro Mendes, desenhista do Instituto Agronômico e as reproduções feitas em tamanho natural.

uma coloração amarelo-limão sem brilho (est. 6 e 7-B). Essa clorose era ainda uniforme na planta tôda, isto é, tôdas as fôlhas de uma mesma planta tinham, aproximadamente, a mesma coloração. No solo nem sempre a uniformidade daquele sintoma é assim tão grande, em conseqüência de o teor em azôto do solo não ser tão homogêneo quanto o de uma solução nutritiva. Assim, as raízes que se desenvolvem numa parte do solo mais rica naquele elemento, o absorverão em maiores proporções e, como a translocação lateral dos elementos no interior da planta é muito lenta, certas partes apresentam-se mais cloróticas do que outras.

3.4 — DEFICIÊNCIA DE FÓSFORO

Em tôdas as duas séries de plantas que passaram a vegetar em solução nutritiva sem fósforo, o crescimento dos cafeeiros reduziu-se ao mínimo, quase paralizando, pouco tempo após a omissão daquele elemento e mostrando, logo a seguir, sintomas característicos. Com efeito, duas semanas após a omissão do fósforo, já se notava uma coloração amarelo-bronzeada muito leve nas fôlhas, e dois meses e meio mais tarde, eram evidentes as manchas necróticas nos limbos. Os sintomas apareceram a partir das fôlhas inferiores, que iam aos poucos caindo. As manchas achavam-se irregularmente distribuídas na área das fôlhas, que eram de um tamanho abaixo do normal (est. 8-A e B). As raízes apresentavam coloração escura. Em um estado avançado da deficiência restavam apenas as fôlhas da parte superior, conforme se pode ver na estampa 2.

A uma das plantas que apresentavam sintomas agudos de falta de fósforo, administrou-se novamente êsse elemento, adicionando-o à solução. A reação da planta foi imediata e completa, como se observa na estampa 2-A. A parte aérea se reconstituiu completamente e novas raízes surgiram em abundância.

Os resultados por nós obtidos quanto à deficiência do fósforo estão em completo desacôrdo com aquêles a que chegou Jacob (6, 7), pois êste autor não conseguiu obter nenhum sintoma dessa deficiência na cultura que fêz, de cafeeiro em solução nutritiva.

A razão disso deve estar no fato de haver Jacob trabalhado com a solução nutritiva de Shive (9), que contém grande quantidade de fósforo. De fato, o seu teor neste elemento é cêrca de cento e dez vêzes maior do que na solução por nós empregada. Nestas condições, as plantas puderam absorver excesso de fósforo durante o período inicial do ensaio, quando se desenvolveram em solução nutritiva completa, excesso êsse que foi suficiente para o desenvolvimento posterior na solução sem fósforo.

Tanada (10), trabalhando com solução nutritiva, concluiu que a deficiência de fósforo produz acúmulo de nitrogênio na planta, não tendo notado nenhum sintoma folhar da deficiência de fósforo. Isto deve ser atribuído ao fato de aquêle autor haver concluído seus ensaios apenas seis semanas após a omissão do fósforo da solução nutritiva, já que seu objetivo principal não era obter sintomas folhares. Além disto, usou uma solução nutritiva com o dôbro de fósforo da que usamos e

também um volume duplo de solução disponível a cada planta, o que corresponde a uma quantidade de fósforo cêrca de quatro vêzes maior do que aquela por nós empregada.

Os resultados que obtivemos quanto à reação do cafeeiro ao fósforo, estão mais de acôrdo com a literatura e observações referentes às culturas permanentes. Assim é que Niklas e Schropp (8), em experiências em vaso, concluiram que as plantas que receberam P_2O_5 mostraram crescimento mais exuberante. Também Camargo (1), concluiu, de suas experiências em vaso, que o fósforo é o elemento cuja influência é a mais evidente sôbre o desenvolvimento do cafeeiro. Além disso, em nossos solos pobres em fósforo, o cafeeiro reage prontamente à aplicação daquele elemento.

3.5 — DEFICIÊNCIA DE POTASSIO

As plantas que passaram a vegetar em solução nutritiva sem potássio apresentaram ainda bom desenvolvimento após a supressão dêsse elemento, e sòmente oito meses depois desta, os sintomas se apresentaram com nitidez (est. 3-A). Deve-se ìsto, possìvelmente, ao fato de terem absorvido excesso de potássio durante o tempo que vegetaram em solução completa.

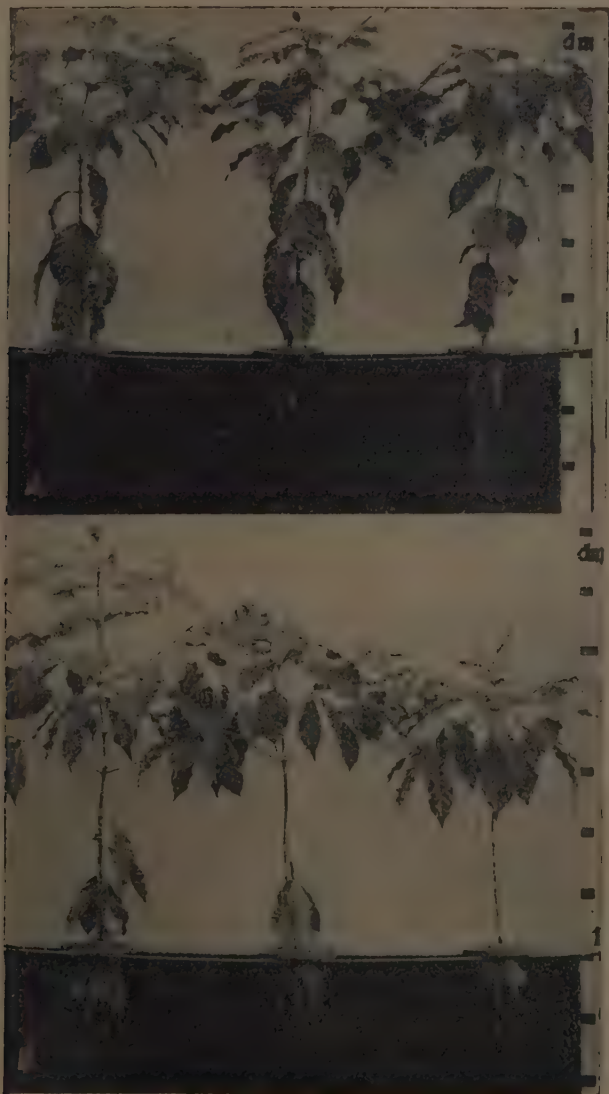
Os sintomas típicos progressivos, da deficiência nas fôlhas, estão representados na estampa 9. Primeiramente apareceu uma coloração amarelo-pardacenta nas margens das fôlhas. Essa coloração evoluiu para manchas pardas bem nítidas e irregulares, que mais tarde se tornaram necróticas. Os sintomas apareciam a partir das fôlhas mais velhas, ligadas à haste, e coincidem perfeitamente com os descritos na literatura. O desenvolvimento das raízes foi mau.

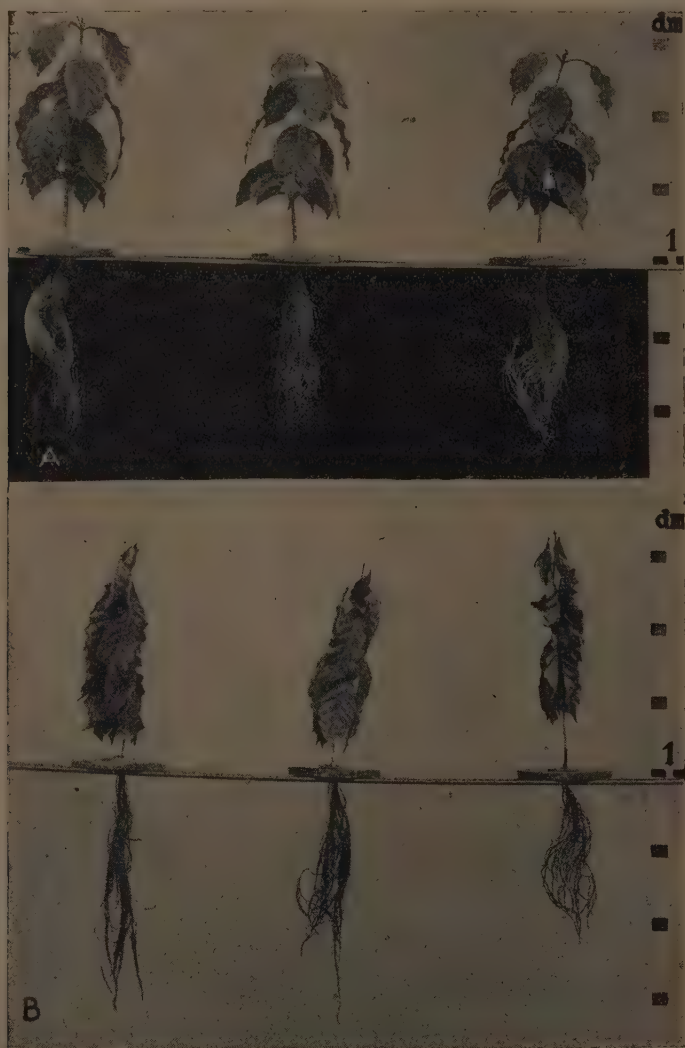
3.6 — DEFICIÊNCIA DE MAGNÊSIO

Na solução nutritiva sem magnésio, as plantas tiveram desenvolvimento normal durante muito tempo. O primeiro sintoma observado foi uma clorose irregular no limbo das fôlhas inferiores, ligados à haste (est. 3-B). Quando essa clorose se tornava mais avançada, as fôlhas se desprendiam da planta. Êsses sintomas progrediram a partir das fôlhas inferiores para as mais novas. Ao terminar o ensaio, catorze meses após a omissão do magnésio da solução nutritiva, as plantas haviam já perdido tôdas as fôlhas ligadas à haste e bases dos galhos, restando nelas apenas as mais novas, ponteiras. Na estampa 11 reproduzimos a clorose proveniente da deficiência dêste elemento, observada em fôlhas adultas.

3.7 — DEFICIÊNCIA DE CALCIO

Após a transferência dos cafeeiros para a solução sem cálcio, o desenvolvimento das plantas ficou pràticamente paralisado. Poucas semanas após, o brôto terminal mostrava-se pardacento, morrendo logo em seguida (est. 10-A). As fôlhas curvaram-se para baixo formando ângulo agudo em relação ao caule (est. 4-A). Provàvelmente. isto se

Deficiências minerais no cafeeiro **ESTAMPA 3**

A — Plantas da série sem potássio, fotografadas 9 meses após a omissão dêsse elemento. Notar o fraco desenvolvimento das raizes. **B** — Plantas da série sem magnésio, mostrando a queda das fôlhas mais velhas do tronco e bases dos ramos, fotografadas 9 meses após a omissão dêsse elemento.

Deficiências minerais no cafeeiro **ESTAMPA 4**

Série sem cálcio: **A** — Sintomas típicos da deficiência dêste elemente. Notar a morte do brôto terminal e o arqueamento das fôlhas. **B** — Estado final da deficiência. Fotografias tomadas, respectivamente, 4 e 10 meses após a omissão daquele elemento.

dá devido à formação insuficiente de pectato de cálcio, que é o principal elemento de sustentação dos pecíolos. As pontas das raízes morreram logo no início do aparecimento dos sintomas. A seguir, manifestou-se nas fôlhas mais novas uma clorose, mais intensa nas margens, e que aos poucos progredia, tomando todo o limbo. À medida que progredia, transformava-se numa coloração pardo-cobreada (est. 10-B e C).

As fôlhas mais velhas foram as últimas a exibir os sintomas acima descritos.

A morte das raízes progredia também paralelamente. Por fim, tôda a planta morria, sem, entretanto, soltar as fôlhas (est. 4-B).

3.8 — DEFICIÊNCIA DE ENXÔFRE

Cinco mese após a omissão do enxôfre da solução nutritiva, as plantas mostravam leve clorose nas fôlhas mais novas (est. 5-A). Aconteceu, entretanto, que, por uma inadvertência, ao se colocar ferro na solução, como de costume, empregou-se o sulfato ferroso. A isto as plantas reagiram com o desaparecimento da clorose em poucos dias.

Omitido, logo a seguir, o enxôfre da composição da solução nutritiva, as plantas voltaram novamente, mais tarde, a exibir o sintoma caraterístico da deficiência, que é uma clorose típica amarelo-citrina, nas fôlhas mais novas. Estas, porém, se conservaram túrgidas e com o brilho caraterístico de fôlhas jovens (est. 8-C).

O desenvolvimento das plantas foi pràticamente normal até se dar o ensaio por terminado, catorze meses após a omissão dos elementos em estudo.

3.9 — DEFICIÊNCIA DE FERRO

O ferro é um elemento cujo sintoma de deficiência é dos mais constantes entre as plantas. Também no cafeeiro os sintomas foram os geralmente conhecidos nas outras espécies. As fôlhas apresentaram uma clorose no parênquima, permanecendo, entretanto, as nervuras bem verdes (est. 7-C). Apenas as partes das plantas que cresceram após a transferência para a solução sem ferro é que mostravam sintomas de deficiência daquele elemento. As partes que haviam crescido na solução completa inicial continuaram com aspecto normal, já que o ferro não se transloca com facilidade entre os tecidos das plantas. O desenvolvimento das plantas foi pràticamente normal (est. 5-B).

4 — RESUMO E CONCLUSÕES

Foram estudados, em soluções nutritivas, os sintomas manifestados pelo cafeeiro quando há deficiência dos seguintes elementos: **N, P, K, Ca, Mg, S** e **Fe**. As plantas testemunhas vegetaram sempre em solução nutritiva completa, enquanto as outras, após serem cultivadas durante várias semanas naquela solução, foram transferidas para soluções deficientes em cada um dos elementos em estudo. Obteve-se, assim, o quadro sintomatológico das deficiências dos elementos minerais acima citados.

A eliminação do fósforo da solução nutritiva provocou o aparecimento, após poucas semanas, dos sintomas caraterísticos dessa deficiência, em oposição aos resultados de Jacob (6, 7), que não obteve tais sintomas cultivando o cafeeiro durante vários meses em solução nutritiva sem fósforo. A causa dessa divergência nos resultados deve estar na diferença das soluções empregadas.

O cafeeiro absorve dificilmente o ferro de soluções nutritivas quando o pH desta está acima de 5,5, manifestando-se então a caraterística clorose do parênquima folhar. A fim de facilitar a absorção daquele elemento, as plantas foram, quando necessário, colocadas em solução sem fosfatos durante vários dias, ao se proceder a substituição regular das soluções. Sòmente após êsse interregno é que se adicionou o fosfato às soluções que o deveriam conter.

As fotografias e estampas coloridas ilustram os resultados obtidos.

SUMMARY

Coffee plants (**Coffea arabica** L.) were grown in nutrient solutions for the purpose of studying deficiency symptoms of the following elements: nitrogen, phosphorus, potassium, magnesium, calcium, sulphur and iron.

The methods employed in the growing of coffee plants in the nutrient solutions are described. After preliminary tests with several nutrient solutions Hoagland's formula was selected as most suitable for the present tests. However, the quantity of phosphate employed in the basic nutrient solution was reduced to one third of that given in Hoagland's formula. This reduction in phosphate was made because of the previous results obtained by Jacob which seemed to indicate that the coffee plant requires only very small amounts of phosphorus.

In the present tests phosphorus deficiency symptoms were obtained and these results suggest that Jacob's failure to obtain phosphorus deficiency symptoms may be ascribed to use of Shive's solution, which has a very high phosphate content. While growing in this complete nutrient solution his plants may have stored enough phosphorus to supply their needs later when they were transferred to the solution lacking this element.

In the course of the present investigation it was found that in the nutrient solutions containing KH_2PO_4 and having a pH higher than 5.5, the coffee plant absorbs insufficient iron. This difficulty of iron absorption by the coffee plants grown in nutrient solution was overcome by a technique previously described that is, when iron deficiency symptoms appeared on plants being tested for other deficiencies the nutrient solution was changed and the new solution used contained no phosphate. The plants were allowed to grow in this solution for two to four days and then the phosphate was added. In this way the plants absorbed sufficient iron for their requirements.

The present paper describes and the color plates illustrate the symptoms on coffee plants that were associated, in the present studies, with nutrient soluions deficient in the various elements listed.

LITERATURA CITADA

1 **Camargo, T. A.** Influência da relação K/N sôbre o desenvolvimento do cafeeiro durante o primeiro período de vegetação. Bol. Téc. do Instituto Agronômico de Campinas **5** : **1-5**. **1937**.

2. **Camargo, T. A., R. Bolliger** e **P. C. Melo**. Sôbre a influência da concentração em iônios hydrogênio do meio de cultura sôbre o desenvolvimento do cafeeiro. (Coffea arabica L.). Bol. Téc. do Instituto Agronômico de Campinas 3 : 1-5. 1935.

(Continua à pág. 612)

Deficiências minerais no cafeeiro ESTAMPA 5

A — Plantas da série sem enxôfre, fotografadas 5 meses após a omissão dêsse elemento. **B** — Plantas da série sem ferro, 9 meses após a omissão dêsse elemento.

Deficiências minerais no cafeeiro **ESTAMPA 6**

Plantas da série sem azôto, fotografadas 10 meses após a omissão dêsse elemento.

(Continuação da pág. 610):

3. **Franco, C. M.** and **W. E. Loomis.** The absorption of phosphorus and iron from nutrient solutions Pl. Phys. **22** : 627-634. 1947.

4. **Hoagland, D. R.** and **D. I. Arnon.** The water-culture method for growing plants without soil. Cir. Univ. of Calif. Agr. Exp. Sta. **347** : 1-39. 1938.

5. **Hoagland, D. R.** and **T. C. Broyer.** Hydrogen ion effects and the accumulation of salt by barley root as inflúenced by metabolism. Amer. Jour. Bot. **27** : 173-185. 1940.

6. **Jacob, J. C.** Voorloopige mededeeling over watercultures met koffie. De Bergcultures **10** : 1645-1651. 1936.

7. **Jacob, J. C.** Voedingsphysiologische Onder-zoekingen Bij Coffea arabica L. Archief voor de Koffiecultur **12** : 1-48. 1938.

8. **Niklas, H.** und **W. Schropp.** Ueber einige Duengungsversuche zu sub-tropischen und tropischen Nutzpflanzen unter besonderer Beruecksichtigung der Phosphorsaeure-duengung. Der Tropenpflanzer **34** : 269-277. 1931.

9. **Shive, J. W.** A study of physiological balance in nutrient media. Physiol. Res. **1** : 327-397. 1915.

10. **Tanada, T.** Utilization of nitrates by the coffee plant under different sunlight intensities. Jour. Agric. Res. **72** : 245-258. 1946.

A — Fôlha de uma planta da série que vegetou em solução nutritiva completa. B — Deficiência de azôto. C — Deficiência de ferro.

A e B — Deficiência de fósforo. C — Deficiência de enxôfre.

Sintomas progressivos da deficiência de potássio.

Deficiência de cálcio: A — Morte do brôto terminal; B — clorose inicial; C — estado avançado da deficiência.

Deficiência de magnésio.

Resumos e Transcrições

INSTRUÇÕES COMPLEMENTARES ÀS COMPANHIAS DE ARMAZÉNS GERAIS — EM SÃO PAULO, SÔBRE O ESCOAMENTO DA SAFRA CAFEEIRA DE 1952/53

Estando afeto a esta Superintedência dos Serviços do Café do Estado de São Paulo — segundo dispositivos de leis federais e estaduais e pela transferência que lhe foi feita, recentemente e para o escoamento da safra 1952/53, pela Divisão da Econômia Cafeeira (D.E.C.) do Ministério da Fazenda da União — o encargo de cumprir e fazer cumprir, em todo o território dêste Estado, as disposições vigentes relativas aos serviços do café, tais como os do seu despacho, embarque, transporte, armazenamento e liberação após o cumprimento das exigências fiscais, bem como os da verificação do seu tipo e qualidades, conforme os casos em apreço, levamos ao conhecimento dessa Companhia que tôdas as comunicações, avisos e autorizações, referentes a tais serviços, serão feitos por esta S.S.C. ficando desde logo estabelecidas as seguintes:

INSTRUÇÕES COMPLEMENTARES AO REGULAMENTO DE EMBARQUES — REFERENTES AOS DESPACHOS RODOVIÁRIOS: — COM DESTINO AO PÔRTO DE SANTOS

1 — Os cafés recebidos com êste objetivo não poderão conter mais de 1% de impurezas e serão devidamente registrados, por lotes, com o respectivo número e data de entrada, número de sacas, peso, marca e nome do depositante e do destinatário no pôrto.

2 — Êste registro de data e número deverá obedecer, com precisão, à ordem cronológica da entrada dos respectivos lotes nos Armazéns.

3 — A empilhação dos lotes depositados deverá ser feita de modo a facilitar a fiscalização desta S.S.C. e a sua saída em época oportuna, segundo a ordem cronológica das respectivas dezenas de cada mês e mediante prévia autorização desta S.S.C.

4 — No caso de ser recebido café que contenha mais de 1% de impurezas, deverá essa Companhia, imediatamente, dar conhecimencimento dêsse fato a esta S.S.C., nos têrmos do art. 13 do Decreto nº 23.938 de 28 - fevereiro - 34.

5 — As Companhias enviarão a esta S.S.C., além das comunicações diárias de que trata o art. 4º § 2º do Regulamento, acompanhadas de 1 (uma) amostra fiel, em uma via lacrada, uma relação dos cafés entrados nos seus armazéns em cada dezena de dias, com destina a Santos, discriminando o Estado de procedência; essa remessa será feita dentro do prazo de 8 (oito) dias após o encerramento da dezena respectiva.

6 — A S.S.C. comunicará às Companhias a quota diária de liberação que couber aos cafés nelas armazenados.

7 — Com a necessária antecedência as Companhias providenciarão o recolhimento da taxa de viação devida para a expedição da competente Guia de Trânsito de cada remessa de café para o pôrto dentro de sua quota discriminando: —

REMETENTE :—
PROCEDÊNCIA :—
ESTADO :—
CONSIGNATÁRIO :—
DESTINO :—
ESTADO :—
SACAS :—
CAMINHÃO Nº
MOTORISTA :—
PÊSO :—
MARCA :—
Nº DO LOTE :—

8 — A Guia de Trânsito deverá ser utilizada no seu prazo de validade (três dias), considerando-se caduca após o referido prazo, devendo ser devolvida para revalidação, sendo esta sòmente providenciada no fim da entrada da dezena a que se referir.
9 — Em cada Companhia haverá um fiscal permanente, no horário regulamentar do seu funcionamento, ao qual será facilitada tôda a fiscalização que fôr julgada necessária.
10 — Nenhum café poderá saír do armazém com destino ao pôrto sem assistência do fiscal que, após conferir a quantidade de sacas, marca etc..., aporá seu visto na Guia de Trânsito correspondente.
11 — A Guia de Trânsito será emitida em quatro vias, devendo a original acompanhar a remessa para ser exibida obrigatòriamente, nos Postos de Fiscalização, para a necessária fiscalização e conferência, onde será lavrado o competente Auto, nos casos de infração de dispositivos regulamentares.
12 — Encontrado tudo em ordem o fiscal do Pôsto aporá seu "visto" na Guia, devolvendo-a ao transportador.
13 — O horário de passagem no Pôsto será das 8 às 17 horas, nos dias úteis devendo o transportador facilitar as conferências que forem determinadas pela S.S.C. ou D.E.C., retendo-se o caminhão nos casos de desobediência.

CAFÉS DESTINADOS AOS PORTOS DO RIO DE JANEIRO E ANGRA DOS REIS

14 — Os cafés destinados a êsses Portos serão, obrigatòriamente, encaminhados ao Posto de Fiscalização — Rua Monsenhor Andrade nº 746, para serem examinados quanto ao tipo e qualidade, sendo passível de apreensão todo aquele que classificado e considerado inferior ao tipo 8 e com mais de 1% de impurezas.
15 — Para os cafés paulistas deverão os interessados submeter a documentação relativa aos impostos de "Venda e Consignações" e do sêlo "Ad-Valorem", quando fôr o caso, ao visto da 1ª I.F.O. à Rua Brigadeiro Tobias nº 251 - 1º andar.

CAFÉS PROCEDENTES DE OUTRO ESTADO, COM DESTINO AO DE SÃO PAULO

16 — Tôda remessa de café procedente de outro Estado está sujeito ao prévio pagamento da taxa de viação (Cr$ 5,90 por saca ou fração) na Tesouraria da S.S.C. — Largo da Misericórdia nº 24 - 5º andar, para a expedição da necessária Guia de Trânsito.

São Paulo, 1º de Julho de 1952

aa) Milton de Azevedo Nogueira
Chefe do depart. Fiscalização — Subst.

Pedro de Siqueira Campos
Gerente

ESTOQUE DE CAFÉ EM SANTOS

Com a presença dos srs. Mário Ferraz de Campos, gerente da Agência de Santos, do Departamento Nacional do Café; dr. Silvio Alves de Lima e Hercílio Camargo Barbosa, presidente e diretor, respectivamente da Bôlsa Oficial de Café e Mercadorias; Jefferson Mesquita, encarregado da Agência da Superintendência dos Serviços do Café, Atila de Almeida Leite, presidente do Sindicato dos Corretores de Café, foi efetuado, a 17 de julho último, a levantamento oficial do estoque de café na praça de Santos, que acusou o seguinte resultado:

Estoque em 30-6-52:

Companhias de Armazéns Gerais	1 627 424
Comissários e Exportadores	113 964
Torrefações, moagens, cotações e fornecedores de navios	3 423
Estrada de Ferro Santos a Jundiaí	7 530
Estrada de Ferro Sorocabana	22 733
Soma	1 775 074 scs.

O café visto nos Estados Unidos

(Cartas Semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

N.º 775 **CARTA SEMANAL DO MERCADO** **2 de maio de 1952**

SITUAÇÃO GERAL: Apesar da incerteza e confusão que caraterizou o ambiente econômico do país como resultado das greves, a semana em revista presenciou, no entanto, maior firmeza nos preços que foi acompanhada de um reaparecimento da procura. Segundo os observadores do mercado, essa nova firmeza baseia-se quiça nas probabilidades de que a solução das greves na indústria de petróleo trará como resultado um aumento nos salários para grandes segmentos da população operária do país e por conseguinte um aumento, também, no custo dos artigos manufaturados. Quando se considera o fato que um grande número de indústrias depende do aço e petróleo para as suas operações normais, qualquer aumento no custo de produção, causado por maiores salários, provocará indubitàvelmente um movimento ascendente no nível geral de preços através do país. Dessa forma, a maior atividade que caraterizou a semana, parece ser devida à expetativa de um ressurgimento da procura desde o fabricante ao consumidor em face da probabilidade de que aqueles acontecimentos talvez venham pôr fim ao recente movimento baixista. Assim, perante as perspetivas de maior firmeza, parece que está desaperecendo a debilidade que caracterizou os mercados durante os últimos meses.

No que diz respeito ao café, uma greve nos transportes marítimos poderia trazer consequências significativas para o produto. Desde há tempo que existe um conflito entre os chefes dos estivadores, sobretudo nas docas de New York, para a qual ainda não foi possível encontrar solução.

MERCADO DE CAFÉ: A expansão na atividade de compra e venda que se observou durante a semana em aprêço, tanto na Bolsa de Café como no mercado físico, deu um tom de maior firmeza ao produto. Como resultado dessa maior atividade, o termo local registrou altas numa média de 80 pontos e o grão ganhou de 1/2c/ a 1-1/2c/ em ocmparação com os preços da semana passada. A posição aberta expandiu-se durante a semana e esta manhã era de 2.757 lotes em comparação com 2.619 lotes no fim da sessão de sexta-feira passada.

Na Bolca de Café de New York foi ontem inaugurado o novo Contrato "S". Esse novo Contrato foi inaugurado com as entregas correspondentes ao mês de Maio de 1953 e deverá evetualmente substituir o atual Contrato "S". O novo Contrato registrou as entregas para quatro portos brasileiros, em contraste com o registro das entregas do porto de Santos que só executa o Contrato "S" atual. Com a adoção do novo Contrato "S", negociações com o Contarto velho, par entrega depois de Abril de 1953, ficarão suspensas.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Os preços do grão recuperaram firmeza durante a semana perante o maior interêsse por parte dos torradores. Os níveis da cotação indicaram aumentos desde 1/2c/ até 1-1/2c/ para os diferentes tipos. No que respeita ao tipo Santos, a cotação atual é de 51,50c/ até 52c/ FOB comparada com o

preço de 50,50c/ que prevalecia na semana passada. Para os cafés colombianos, a margem de aumento foi ainda maior pois os preços desta semana são entre 56,50c/ e 57c/ em comparação com a cotação de 54,75c/ que prevaleceu durante a semana passada.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

PAÍSES PRODUTORES

O Salvador: Da revista "Foreign Commerce Weekly", de 14 de Abril última, reproduz-se a seguinte nota: "As transações comerciais foram pouco mais ou menos normais durante o mes de Fevereiro e nos primeiros dias de Março, exceptuando o fato de que as vendas estiveram atrasadas cêrca de um mes em relação com as do ano passado. Embora as perspetivas sejam um tanto sombrias relativamente à safra de café, a qual é menor êste ano, o aumento registrado na produção de outros produtos alimentares domésticos durante o ano agrícola 1951-52, deverá melhorar a receita nacional.

Do total de 850.000 sacas exportáveis, restam ainda umas 250.000 a 300.000 sacas para vender. As vendas para exportação têm sido lentas. Nota-se porém, certa atividade no mivimento de importações não obstante o estado de saturação do mercdo e da lentidão das vendas de café para o exterior."

AFRICA

Novo Tipo de Cafeeiro: Do boletim de Março último da Junta de Café de Kenya, transcreve-se o seguinte: "A maior parte do café cultivado na África Equatorial Francesa, deve-se aos esforços dos colonos europeus estabelecidos no território de Oubangui-Chari. O café "Excelsa" que crescia silvestre nos matos de Oubangui foi primeiro utilizado de uma maneira primitiva, mas devido à destruição dessa espécie por uma doença criptogâmica, aquela árvore foi substituída pelo tipo Robusta. Os colonos do Alto Sangha estão aperfeiçoando uma espécie que ainda não foi classificada botânicamente. Deu-se-lhe o nome de "Nana" e é superior à Robusta sob o ponto de vista da qualidade do produto".

Costa de Marfim: Do Boletim Mensal da Federação Nacional do Comércio de Café Cru de França, reproduz-se a seguinte nota acêrca do acondicionamento dos cafés exportáveis naquela colónia: "O acondicionamento dos cafés da África Ocidental Francesa é um dos problemas que seria conveniente resolver. Sabemos que essa colónia francesa tem feito grandes esforços no sentido de melhorar a cafeicultura e que é alí que a lavoura de café tem presenciado o progresso mais rápido. Em 1937 a produção na Costa de Marfim era apenas de 10.000 toneladas; em 1938 essa produção era de 14.000 toneladas; em 1939 a produção havia subido para 18.000 toneladas e em 1940 atingiu 20.000 toneladas. Em 1942, e apesar da guerra mundial, a Costa de Marfim estava produzindo 29.000 toneladas e em 1943 a produção subia para 35.000 toneladas. Em 1949 a produção alí atingiu a cifra de 53.000 toneladas e para 1952 as estimativas mais moderadas colocam a cifra de produção em 65.000 toneladas.

"Contudo, deve-se notar que embora a produção de café na Costa de Marfim tenha progredido a passos de gigante, o sistema de beneficiamento e a comercialização do produto não acompanharam aquele progresso. Ao passo que as colónias vizinhas de Guiné, Congo Belga e Angola exportam, com regularidade, ca-

fés devidamente beneficiados, a Costa de Marfim persiste em exportar cafés insuficientemente beneficiados e muito misturados. À vista disse propõe-se um plano de trabalhos com o fim de remediar tal situação. Esse plano inclue um programa de melhoramentos das plantas, luta contra as doenças dos cafèzais, melhoramento dos métodos de cultura e dos métodos de colheita".

ÍNDIA

Campanha de Propaganda: Do boletim mensal da Junta de Café da Índia, edição de Janeiro de 1952, reproduz-se o seguinte: "A campanha tendente a divulgar o café como bebida continua a obtendo o melhor êxito. Foram inauguradas várias "casasd e café" com o fim de servir a bebida ao público. Numa dessas casas esteve recentemente o Sr.Sochurik, fotógrafo da revista "Life" de New York, o qual disse o seguinte acêrca da qualidade do café servido alí: "A melhor xicara de café que tenho tomado desde que sai de New York". A Junta tem recebido também inúmeros pedidos sôbre os métodos adequados de preparar o café. Nessa seção de propaganda continua distribuindo grande quantidade de folhetos educativos ensinando a maneira correta de torrar, moer e preparar o café".

EUROPA

Importações na França: Durante o mes de Março último aquele país importou um total de 268.038 sacas de café crú. No quadro abaixo descrevem-se essas importações em detalhe:

	Importação para o Consumo			Total das Importações		
Origem	**Dir. (1)**	**A.G. (2)**	**Total**	**Dir. (1)**	**A.G. (3)**	**Total**
Brasil	36.790	36.737	73.527	36.790	30.813	67.603
África O. Francesa	61.755	26.108	87.863	61.755	37.782	99.537
Madagascar	31.937	13.453	45.390	31.937	22.120	54.057
África O. Inglesa	9.817	4.305	14.122	9.817	5.005	14.822
África Portuguesa	5.125	4.372	9.497	5.125	3.740	8.865
Camerum Frances	3.453	3.622	7.075	3.453	4.668	8.122
África E. Francesa	1.623	2.482	4.105	1.623	3.948	5.572
Congo Belga	492	1.165	1.657	492	458	950
Togolândia	918	518	1.437	918	722	1.640
Nova Caledônia	772	142	917	772	130	902
Venezuela	2	990	992	2	1.115	1.117
Iémen	1.057	187	1.243	1.057	595	1.652
Outros países	2.256	1.209	4.265	2.256	942	3.199
Total das importações de Março	**155.997**	**95.293**	**251.290**	**115.997**	**112.042**	**268.038**

(1) Diretas; (2) De Armazéns Gerais; (3) Para Armazéns Gerais

N.º 776 CARTA SEMANAL DO MERCADO 9 de maio de 1952

SITUAÇÃO GERAL: O ambiente de incerteza causado pelas greves e ameaças de greve continua, de vez que não foi ainda encontrada solução para os vários

conflitos que afetam as indústrias de aço e petróleo. Porém, os indíces gerais do mercado denotam firmeza na expetativa de que os salários maiores que eventualmente serão concedidos aos operários deverão contribuir para maior atividade econômica. Já há sinais de que a procura melhorou, desde ao fabricante ao consumidor, possivelmente devido ao fato de que a opinião corrente é que os preços já atingiram seu ponto mais baixo.

Durante a semana surgiu outro fator que deverá estimular o volume de compras por parte do público. Trata-se da eliminação dos contrôles sôbre as vendas a prestações. Esses controles afetavam sobretudo produtos como automóveis, geladeiras, máquinas de lavar, aparelhos de rádio e televisão. No que respeita à Bolsa de Valores e às bolsas de produtos primários, os observadores são de opinião de que a decisão das Nações Unidas de não retroceder em suas discussõe com as fôrças na Coréia, contribuiu para dar firmeza aos preços. Contudo, nota-se grande seletividade na Bolsa e os demais mercados sentem, igualmente, os efeitos da extrema cautela que tem prevalecido nos últimos meses.

MERCADO DE CAFÉ: O rítmo de atividade nesse mercado, que aumentou sensìvelmente na semana passada, voltou a diminuir provàvelmente devido ao ímpeto que acompanhou a alta dos preços em fące do reaparecimento da procura. Evidentemente trata-se de fenômeno natural, sobretudo quando o produto em questão é o café cuja situação estatística apresenta-se tão favirável. Por outro lado, aquele movimento altista pronunciado também poderá indicar que os preços até então prevalecentes para o produto não mantinham qualquer relação com as cotações que o café deveria obter numa situação normal de compra e venda.

Deve-se notar, contudo, que se é verdade que a procura foi reduzida também é verdade que a oferta por parte dos paìses produtores foi limitada. Por esse motivo, poder-se-ia dizer que neste momento o mercado está nominal até que a situação se esclareça.

O volume de operações no têrmo local foi apenas de 253 lotes em comparação com 618 lotes negociados na semana passada. O movimento dos preços manteve-se dentro de limites estreitos, ao passo que para o encerramento de ontem havia ganhos de 25 a 33 pontos em comparação com o encerramento de quinta-feira passada, com execepção da posição de Julho em que não houve nenhuma mudança. O número de lotes pendentes de entrega também não mostra alteração de consequência, sendo esta manhã de 2.627 lotes contra 2.635 na sexta-feira passada.

ÚLTIMAS CATAÇÕES: No que respeita ao nível geral de preços no mercado físico a situação neste monento é um pouco confusa, observando-se diferenças sensíveis nas escassas ofertas sôbre que temos informações. O Santos 4, por exemplo, diz-se que foi vendido de 51c/ a 51,50c/ FOB, ao passo que os colombianos tiveram preços de 55,25c/ até 56c/ na base ex-doca Nova York.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

ESTADOS UNIDOS

9 de MAIO DE 1952

Seu Comércio com a
América Latina em 1951: A edição de 5 do corrente da revista "Foreign Commerce Weekly" publicou um artigo sôbre as trocas comerciais dos Estados

Unidos com os países da América Latina, do qual reproduzem-se os seguintes trechos:

"O volume das exportações dos Estados Unidos para a América Latina em 1951, foi avaliada em US$ 3.744.000.000,00 cifra essa que foi ultrapassada unicamente em 1947, ao passo que as importações da América Latina atingiram a cifra "record" de UE$ 3.346.700.000,00. O excedente de US$ 397.300.000,00 das exportações sôbre as importações, foi menor do que durante a maioria dos anos do após-guerra, mas representou um notável contraste co mo excedente de importações registrado em 1950, ano que presenciou o regresso provisório ao excesso de importações sôbre exportações que prevaleceu durante a guerra.

"As exportações para a América Latina, depois de declinarem em 1948 e 1949, voltaram a subir em 1950, tendência que persistiu em 1951. Durante o ano, considerado em conjunto, as exportações foram 38% maiores que em 1950 e unicamente 3% inferiores ao nível de 1947, o maior na história. Esse aumento nas exportações dos Estados Unidos para a América Latina consistiu principalmente de artigos para o desenvolvimento industrial daqueles países como maquinaria, veículos e produtos químicos.

"Devido em parte ao melhoramento conseguido em 1950 na posição financeira internacional e por outro lado ao receio de escassez de certos artigos nos Estados Unidos, em consequência do programa de defesa nacional, os países latino-americanos realizaram compras extraordinárias qui sobretudo de produtos destinados à sua expansão industrial e bem assim para robustecer seus inventários. A medida que as reservas de dólares foram declinando para fins de 1951, alguns dêsses países viram-se na necessidade de impor restrições cambiais que haviam sido eliminadas em 1950 e como consequência dessas restrições as importações começaram a declinar.

"As importações dos Estados Unidos procedentes da América Latina, que em 1950 foram 25% maiores de que em qualquer ano anterior, ganharam uns 15% mais em 1951. O crescente aumento nos preços das matérias primas e produtos alimentares a seguir à guerra da Coréia, explicam em parte aquele aumento. As compras dos Estados Unidos na América Latina atingiram o nível extraordinário de US$ 1.025.100.000,00 no primeiro trimestre de 1951 e declinaram bruscamente para US$ 700.900.000,00 no terceiro trimetre. A diminuição na procura nos Estados Unidos, constitue o motivo principal para aquela redução e refletiu a resistência dos Estados Unidos aos altos preços dos produtos importados. Simultâneamente o comércio e indústria nos Estados Unidos começaram a reduzir seus inventários que se haviam acumulado desde o fim de 1950 e princípio de 1951. As importações procedentes da América Latina recuperaram, porém, um pouco do terreno perdido e subiram do baixo nível para que haviam descido no terceiro trimestre de 1951 à medida que as compras de café aumentavam, e essa melhoria nas importações continuou nos primeiros meses de 1952, como resultado da nova safra.

Os países da América Latina continuaram sendo a fonte da maior parte das importações feitas pelos Estados Unidos. Contudo, como o aumento nas importações procedentes dêsses países foi inferior ao aumento das importações do hemisfério oriental, os 31% que lhes correspondeu na cifra total foi menor que os 35% e os 33% que correspondeu em 1949 e 1950 respectivamente.

"Nas importações feitas pelos Estados Unidos de produtos alimentares e outros produtos básicos, os países latino-americanos contribuiram em 1950 e 1951 com as seguintes percentagens:

	1950	1951
Café	96%	95%
Acúcar de cana	87	81
Carnes e derivados	39	41
Cacau	50	38
Bananas	98	99
Petróleo	83	81
Cobre	61	69
Lã	44	31
Sisal e henequim	85	70
Lã	44	31
Oleos vegetais e sementes oleaginosas	27	34

"Uma proporção crescente no valor das importações dos Estados Unidos procedentes da América Latina, nos últimos anos, tem sido concentrada em um produto: o café. Em 1951, o cafe representou 39% do total das importações, o que e de comparar com 28% em 1947. Relativamente à quantidade, registrou-se um aumento de 1/10 nas importações de café em 1950 e em valor o aumento foi de 1/4. O volume de café importado diminuiu 10% em relação com o nível recorde de 1949 mas seu valor atingiu um nível máximo. O valor médio da unidade de café importado, aumentou de 27c/ por libra-pêso em 1949 e 45c/ em 1950 para 51c/ em 1951. O Brasil e Colômbia contribuiram 4/5 partes das importações de café".

N.º 777 CARTA SEMANAL DO MERCADO 16 de maio de 1952

SITUAÇÃO GERAL: Os índices gerais dos mercados a têrmo continuam em seu movimento horizontal aparentemente esperando que a situação se esclareça. Uma prova da confusão que predomina relativamente às perspetivas econômicas do país, foi-nos dada recentemente durante a reunião anual dos analistas econômicos. Aa contrário do costume, foi impossível encontrar naquele conclave uma opinião sôbre as perspetivas econômicas que satisfizesse a maioria dos assistentes.

Falando ontem perante o Conselho Econômico do Federal Reserve Board, o Sr. Woodlief Tomas disse que o equilíbrio comercial parecia tender a se nivelar para o resto do ano mas que se devia manter constante vigilância contra a pressão inflacionista causada pelas despesas do Govêrno com o programa de defesa, pressão essa que sòmente seria contida pelos contrôles econômicos oficiais.

No que respeita à expansão da procura por parte do público, de que se falou aqui há duas semanas, as cifras publicadas esta semana pelo Federal Reserve Bank confirmam essa tendência ao revelar que o volume de vendas no varejo foi de 6% superior que o volume da semana passada em comparação com o mesmo período do ano anterior. Não resta dúvida que se essa tendência continuar, o comércio será grandemente aliviado da preocupação sôbre a indiferença do público consumidor e sôbre a situação de inventários.

MERCADO DE CAFÉ: Durante a maior parte da semana predominou uma situação de limitada atividade que aliás se nota desde a semana anterior. Contudo, ontem tornou a aparecer certa procura por parte dos torradores, fato que leva a pensar que talvez esteja para breve o período em que o comércio terá que entrar ativamente no mercado.

Predomina a impressão que já entraram, por fim, nos canais de distribuição certas quantidades de café que estiveram deprimindo o mercado e que portanto o ambiente deverá melhorar no futuro imediato.

No têrmo local o volume de operações apenas atingiu 193 lotes, fato que serve para dar uma idéia da falta de atividade aqui. As cotações voltaram a oscilar dentro de margens muito estreitas e para o encerramento de ontem ùnicamente mostravam infimas diferenças em relação aos preços de quinta-feira da semana passada. A posição aberta tampouco mostrou alteração de consequência e para esta manhã de 2.613 lotes ou sejam 14 lotes menos que a cifra de 2.627 registrada na sexta-feira da semana passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Segundo informações obtidas no momento de se escrever esta CARTA, o mercado físico do produto encontra-se, agora, bastante ativo tornando-se difícil determinar os níveis gerais de preços. Nota-se porém, uma nascente firmeza no mercado. Durante o dia de ontem dizia-se que o Santos 4 fôra negociado de 51,25c/ para cima, na base FOB ao passo que os preços para os colombianos flutuavam de 56c/ a 56-1/2c/na base ex-docas Nova York.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

16 de maio de 1952

PAÍSES PRODUTORES

República Dominicana: Da revista "Foreign Commerce Weekly", de 28 de Abril último, reproduz-se a seguinte nota sôbre a safra naquele país: "A colheita estava terminada em fins de Fevereiro, mas ainda restava uma boa quantidade de café nos estabelecimentos de benefício. As exportações durante o mes subiram a 63.833 sacas de 60 quilos, das quais 58.117 foram para os Estados Unidos, 3.733 para a Holanda e o resto para a Italia, Canadá e Bélgica. As exportações de café torrado foram de 317 sacas na sua totalidade para nos Estados Unidos".

AFRICA

Kenya: Do boletim da Junta de Café de Kenya, edição de Fevereiro último, reproduz-se o seguinte artigo sôbre a secagem do produto: "Em 1951, devido às chuvas abundantes, muitas plantações apresentavam um aspecto de abundância. Até há um mes a maioria dos arbustos tinham bom aspeto mas nunca se havia observado tanta falta de ramagem, especialmente nos rebentos novos. Os arbustos que foram tratados com um fungicida com base de cobre, encontram-se em melhar condição do que os outros que não foram assim tratados. As chuvas abundantes causaram muito prejuìzo no café que estava nos estabelecimentos de benefício. Bom café ficou assim arruinado devido a secagem insuficiente e também à falta de boa armazenagem. Não há ainda na região suficientes armazéns em boas condições para receber a safra. Os lavradores que protegeram o café, durante a noite, com panos impermiáveis, conseguiram manter o produto sêco apesar das chuvas torrenciais. Por outro lado, a falta de mão de obra nas fazendas continua tendo efeitos desfavoráveis sôbre a cafeicultura. A esse respeito, correm rumores que os salários vão ser aumentado com o fim de atrair novos trabalhadores e assim se poder concorrer com as lavouras de chá e de sisal. Há, porém, quem duvide de que isso dará qualquer resultado, à vista do fato de que os trabalhadores preferem trabalhar todo o ano nas indústrias de chá e sisal em vez da pequena temporada da colheita do café".

ESTADOS UNIDOS

O Hábito da Pausa para o Café: A imprensa local publicou recentemente a notícia de que a companhia de seguros "Mutual Life Insurance Company" e a "cadeia" de restaurantes "Schrafft's" festejaram há dias o segundo aniversário do serviço de café aos empregados durante as horas de trabalho em seus próprios escritórios. A imprensa informou que a experiência com aquela companhia de seguros havia se expandido ùltimamente e que nos últimos meses grandes emprêsas como a American Can Co., Esso-Stantard, Burlington Mills, Benton & Bowles, Texas Company e Dun & Bradstrret tinham adotado o mesmo sistema de servir café aos empregados durante as horas de trabalho e em seus próprios escritórios.

Compras do Exército: Até agora o Exército comprou 251.074 sacas de café Santos e 66.614 sacas de colombianos para entrega em 1952. Segundo os dados conhecidos a tal respeito, as compras para entrega em 1951 foram de 864.466 sacas de Santos e 338.651 sacas de colombianos. O Exercito vae também pedir ofertas para 28.728 sacas de santos e 9.072 sacas de colombianos.

CANADA

Os Preços do Café Torrado: Do boletim de George Gordon Paton & Co., reproduz-se a seguinte nota sôbre as recentes reduções nos preços do café torrado naquele país: "A firma "Atlantic & Pacific Tea Company" reduziu, no Canadá, os preços do café no varejo em 3c/ por libra. Essa medida coloca o preço da marca "Eight O'Clock" a 88c/; "Red Circle" a 91c/ e "Bokar" a 93c/. Julga-se que essa medida foi decidida para enfrentar as recentes reduções nos preços de outras marcas de café no Canadá, o que reflete o maior valor do dolar canadense nos mercados internacionais. Os preços no varejo naquele país continuam mais altos do que aqui, devido à taxa de 10% sôbre as vendas e ao imposto de importação de 2% por libra sôbre o café cru proveniente dos países "favorecidos". Os cafés do Imperio estão isentos dêsse imposto".

N.º 778 CARTA SEMANAL DO MERCADO 23 de maio de 1952

SITUAÇÃO GERAL: Ao que parece, está desaparecendo o ambiente de incerteza causado pelas greves que têm afetado algumas das principais indústrias do país. Embora o Supremo Tribunal ainda não tenha dado seu parecer sôbre a legalidade da expropriação das emprêsas siderúrgicas, continuando a ameaça de uma greve nessa indústria, a crise na indústria de petróleo parece haver entrado na fase de solução, de vez que algumas companhias já assinaram novos contratos com seus operários. Consequentemente, predomina agora a opinião de que as demais empresas de petróleo não deverão tardar em resolver suas dificuldades com os operários, sendo aliás possivel que tal acontecimento, junto com a solução do longo conflito operário nas estradas de ferro, sirva para estimular um acôrdo com respeito à indústria de aço.

O nascente otimismo faz-se sentir, agora, por todo o comércio e a imprensa informa que a procura está melhorando, se bem que de forma moderada. Nesse sentido, alguns fabricantes que haviam anunciado uma suspensão de suas operações com o fim de reduzir seus inventários de artigos manufaturados, acabam de informar que cancelaram tais medidas à vista de um novo influxo de ordens. Como é óbvio, isso reflete a maior procura por parte do público que se havia previsto nesta CARTA.

Os índices gerais também mostram uma situação melhor. No que respeita aos produtos primários, a margem de oscilações é agora menor e os observadores do mercado notam que isso bem poderia ser o sinal de firmeza próxima. A Bolsa de Valores já está dando indícios de maior firmeza nas cotações e os observadores dizem, a-propósito que as notícias sôbre os negócios tendem a ser mais favoráveis do que desfavoráveis.

MERCADO DE CAFÉ: Tal como sucedeu na semana passada, a procura por parte dos torradores foi esporádica e concentrou-se ,sobretudo, em dois dias, mantendo-se afastados do mercado o resto da semana. Mas é interessante observar que está aumentando a frequência com que os torradores compram café e isso pareceria ser outro indício de que a situação de seus suprimentos impede-os de se manter afastados do mercado por muito tempo, tal como o têm feito até agora. Esse fenômeno não é de estranhar, de vez que as importações durante o corrente mes deverão andar ao redor de uns 1.200.000 sacas, volume esse insuficiente, em muitos milhares de sacas, para atender as necessidades do consumo de café na atualidade.

A a atenção dos torradores dirige-se principalmente para os disponíveis e para embarques imediato e por conseqüência o volume de operações no têrmo continua muito limitado. Na presente semana apenas foram negociados 390 lotes, um total relativamente baixo se bem que superior aos 193 lotes negociados na semana passada. À vista de que as cotações no encerramento de ontem apenas mostravam alterações insignificantes em comparação com as de quinta-feira da semana anterior, ao passo que a posição berta acusava esta manhã uma redução de 64 lotes durante a semana, pode se dizer que este mercado encontra-se sobre bases firmes de vez que, normalmente, quando as liquidações são maiores e diminue a posição aberta, isso causa uma baixa nas cotações.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: O mercado físico do produto está assumindo a pouco e pouco um aspecto de maior estabilidade e as cotações mostram uma notável resistência em baixar depois de haver subido. Portanto, as oscilações nos preços são insiginificantes mas nota-se uma maior tendência para cima do que para baixa. O Santos 4 mantem-se firme a preços de 51,25c/ para cima, FOB, ao passo que os colombianos andam ao redor de 56,50c/, isto é meio centavo acima do preço que prevalecia na semana passada.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

PAISES PRODUTORES

O Salvador: Do "New York Journal of Commerce", de 16 do corrente, reproduz-se o seguinte artigo sôbre a safra naquele país: "O Ministério de Agricultura neste país crê que as perspetivas para a próxima safra de café são as melhores desde há vinte anos. Essa declaraçãofoi feita pelo Sr. Mora Castro, Sub-secretário de Agricultura, o qual julga muito promissora a florada intensa que se observa, este ano, nos cafèzais. A colheita relativamente pobre do ano passado, foi interpretado pelo Sr. Moura Castro como uma indicação de que as árvores estavam numa etape de descanso e de que seu rendimento este ano será maior. Simultâneamente, parece que as chuvas vieram mais cêdo este ano e esse fato trouxe grandes vantagens à lavoura.

"As excelentes perspetivas relativamente à safra de um produto tão importante para economia do país, deram lugar a uma atmosfera de otimismo através de O Salvador, de vez que prometem aumentar as reservas de dólares no tesouro nacional. A principal dificuldade que a agricultura tem confrontado no país é o inseto conhecido pelo nome de "chacuatete" que ataca o café. Durante a última safra, esse inseto causou muitos prejuìzos nalgumas regiões produtoras e já este ano fez sua aparição nalguns cafèzais. O Ministério da Agricultura pos em vigor medidas severas com o fim de obrigar os lavradores a combater aquela praga. A Associação Cafeeira de O Salvador está importando equipamento especial para pulverização, o qual é vendido ao preço de custo aos cafeicultores como parte da campanha de exterminação do "chacuatete".

"O Centro Nacional de Agronomia está dirigindo, além disso, uma série de experiências com o fim de ajudar os cafeicultores a lutar contra o reaparecimento daquela praga. Em Agosto do ano passado, estiveram sob observação no laboratório do Departamento de Entomologia alguns ovos daquele inseto e em Abril já tinham nascido uns quantos "chacuatetes" cujas atividades foram examinadas cuidadosamente. A julgar pelas experiências — declara o Dr. Berry — existe o perigo de uma nova invasão, este ano, a menos que sejam tomadas as medidas preventivas adequadas".

Venezuela: O boletim de George Gordon Paton & Co., desta cidade, informa que a Câmara de Comércio de Caracas propôs um programa de "3 pontos" para o desenvolvimento da econômia nacional. Segundo esse programa, a Venezuela deverá fazer esforços no sentido de recuperar seus tradicionais mercados para café no exterior: Espanha, Alemanha e outras nações européias cujos mercados podem consumir café e cacau em quantidades e a preços iguais, senão superiores, ao do mercado de Nova York. Torna-se necessário, segundo o programa em questão, expandir o mercado exterior e aumentar a produção progressivamente e de forma constante para se poder atender às necessidades tanto do consumo nacional como dos mercados estrangeiros.

Missão Econômica Belga: Do boletim Cafeeiro, da Associação Venezuelana de Cafeicultores, reproduz-se o seguinte artigo sôbre o assunto: "A Associação Venezuelana de Cafeicultores não vacila em insistir sôbre a diversificação de mercados, por considerar muito importante essa atividade. Os produtores do Hemisfério e em especial os cafeicultores venezuelanos não devem, de forma alguma, continuar práticamente sujeitos a só comprador importante.

"Urge que se utilizem os tratados de comércio para assegurar mercados seguros e em expansão para o café nos países que nos vendem. A Associação tratou esse assunto recentemente por ocasião da Missão Econômica Belga. Os membros dessa missão tomaram nota das possibilidades e da conveniência de estreitar as mútuas relações comerciais sobre a base de café e a Associação entregou àquela missão um estudo sôbre o assunto, do qual transcrevem-se os seguintes trechos:

"Cumprindo a promessa verbal que lhes fizemos, passamos a referirmonos à conveniência de intensificar as relações comerciais entre a Bélgica e a Venezuela sob o ponto de vista do intercâmbio de café. Desde 1939, ano em que começou a guerra, as exportações de café para a Bélgica, bem como para outros países europeus, são limitadas. Praticamente nosso comércio de exportação e importação faz-se com os Estado Unidos, salvo um pequeno volume para o Canadá, Inglaterra e outros países. A oportunidade é excelente para estreitar as relações com vantagens recíprocas. Anvers pode voltar a ser um centro comercial de café para a Europa tão importante como Hamburgo no

passado. Por nossa parte, convem que intensifiquemos nosso comércio de café com a Europa, a qual foi sempre um bom comprador de nosso produto. Por outro lado, cremos que a Bélgica tem interêsse em colocar uma maior quantidade de seus produtos exportáveis na Venezuela, aproveitando as condições excepcionais do nosso mercado.

"Como fàcilmente se compreende, é de enorme interêsse que as relações comerciais entre ambos países se expandam. Em 1948 compramos 25 milhões de bolivares na Bélgica e com excepção das vendas de petróleo, nossas exportações foram unicamente de 6.700.000 de bolivares. Aliás aquela cifra de importações venezuelanas subiu muito desde aquela data. O desnível que existe no comércio de Venezuela com a Bélgica, que é parecido com o que existe relativamente ao resto dos países europeus, coloca práticamente nosso comércio de exportação nas mãos de um único cliente, os Estados Unidos"...

ESTADOS UNIDOS

Cafés Solúveis: Da revista "Tide", de 16 do corrente, transcreve-se a seguinte nota: "Parece o mercado vae presenciar uma luta renhida entre os cafés solúveis e o chá. A firma "The Great Atlantic and Pacific Tea Company" pensa construir uma fábrica própria para produzir suas marcas particulares de café solúvel. A firma Folger & Co. já está construindo uma fábrica em Houston para produzir café solúvel e a companhia Hill Bros. pensa fazer o mesmo. "Nescafé" encontra-se, agora, à cabeça do negócio de cafés solúveis, mas alguns observadores dizem que "Borden's" e "Maxwell House" estão-lhe fazendo enorme concorrência. "Nescafé" é feito com destrose de milho, mas é possível que a companhia esteja aperfeiçoando um produto "completamente de café" para concorrer com Borden's e Maxwell House."

A êsse respeito o Boletim de George Gordon Paton, de 20 do corrente, informa que a companhia Nestle está fazendo provas com um café solúvel puro no mercado de Detroit.

N.º 779 CARTA SEMANAL DO MERCADO 29 de maio de 1952

SITUAÇÃO GERAL: O curso relativamente tranquilo dos acontecimentos durante a semana em revista deu à situação econômica um ambiente calmo e como resultado os índices dos mercados apenas mostraram oscilações insignificantes. De uma maneira geral, a imprensa continua prognosticando os acontecimentos econômicos com relativo otimismo para o resto do ano, em particular a partir de setembro.

A recente decisão do Escritório de Estabilização de Preços de permitir que o comércio varejista aumente a percentagem de lucros para certos produtos, entre os quais entra o café solúvel, deve ter certo interêsse para os países produtores. No que respeita ao café solúvel, a margem permissível de lucro foi elevada de 11% a 17%, o que implica, em termos gerais, um aumento possível de 2/c por vidro do produto solúvel para o consumidor. Embora seja a opinião geral aqui que os varejistas não vão aumentar o preço que têm atualmente para o café solúvel à vista de que se aproxima o verão quando o consumo de café diminue ao passo que a concorrência aumenta entre as várias marcas, fundamentalmente aquela decisão do Escritório de Estabilização de Preços tornou mais atraente para o varejista a venda de café solúvel do que a de café corrente, de

vez que pode obter mais lucros com o primeiro do que com o segundo. Isto é, um lucro de 17% para o café solúvel comparado com um lucro de apenas 11% com o café corrente. No que respeita à concorrência entre as marcas de café, deve-se mencionar os anúncios que apareceram durante a semana na imprensa local oferecendo ao consumidor uma redução de 15/c por vidro de café solúvel "Nescafe".

MERCADO DE CAFÉ: Durante a semana houve moderada atividade e o interêsse dos torradores recaiu principalmente sôbre os cafés disponíveis. Isso poderia ser indicação de que seus suprimentos não estão a níveis muito altos, fato que é de estranhar à vista de que é muito provável que as importações durante o mês presente não excederão 1.275.000 sacas — se é que atinjam tal cifra — ao passo que as importações de Abril foram já calculadas em 1.600.000 sacas. Isso quer dizer que a melhoria nos suprimentos em mãos dos torradores que foi consequência das fortes importações durante o primeiro trimestre dêste ano, já desapareceu em grande parte.

Poder-se-ia deduzir, portanto, que à falta de acontecimentos imprevistos o mercado continuar mostrando a estabilidade das últimas semanas com uma crescente firmeza à medida que se aproxima o outono quando o conumo volta a aumentar neste país.

No têrmo local é provável que para o fim do dia, o volume de operações desde sexta-feira passada, seja sensìvelmente igual ao registrado durante a semana anterior. Para o encerramento de ontem e faltando, portanto, um dia de operações, o volume de vendas havia atingido 315 lotes em comparação com 390 lotes negociados na semana passada. As cotações continuam flutuando dentro de margens muito limitadas e só mostram alterações escassas. Contudo, o ambiente do mercado parecia ser de maior firmeza e corre aqui a notícia de que os os operadores com posições a descoberto estiveram comprando com o fim de se proteger até segunda-feira próxima. Amanhã, sexta-feira, todos os mercados estarão fechados para comemorar "Decoration Day" e só reabrirão na próxima segunda-feira, 2 de Junho.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: A maior procura pelos disponíveis influiu favoràvelmente sôbre o mercado físico do produto. Em consequência, correm notícias de que o Santos 4 foi negociado em certo volume a preços acima de 51,25/c FOB ao passo que os colombianos foram negociados a partir de 56-¾/c ex-doca Nova York.

N.º 22 (Vol. VIII) O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 30 de Maio de 1952

PAÍSES PRODUTORES

Brasil: Segundo informa a revista "Foreign Commerce Weekly", de 19 do corrente, a safra de café paulista continùa fazendo progresso devido às circunstâncias favoráveis em geral. O Departamento Nacional de Café calcula que a produção em todo o país talvez chegue a 14.968.000 de sacas, sendo muito possível que a cifra final atinja uns 16.000.000 de sacas.

Haití: A revista "Foreign Commerce Weekly" de 19 do corrente, publicou a seguinte nota sôbre as condições do mercado naquele país: "Ao terminar o mês de Março o comércio de café começou um período de tranquilidade e as

vendas para o exterior estavam quase todas concluídas. Para 31 de março as vendas registradas subiam a 284.092 sacas de 80 quilos. Uma grande parte dêsse café ainda estava por embarcar. Embora a procura e os preços estivessem um pouco baixos ($51.00 a $52.00 por 50 quilos FOB Puerto Príncipe), não se julgou que houvesse dificuldade alguma em dispôr do resto da safra exportável, cujo total é calculado em umas 350.000 sacas."

ESTADOS UNIDOS

Firmas Importadoras de Café: Da revista local "Tea and Coffee Trade Journal", edição de Maio de 1952, reproduz-se a seguinte compilação sôbre as firmas importadoras mais importantes e seu respectivo volume de compras durante 1951 em comparação com os anos anteriores de 1950 e 1949:

"Pela segunda vez consecutiva, as firmas "The Great Atlantic & Pacific Tea Co. e Otis Mc Allister & Co., ocuparam o primeiro e segundo lugar, respectivamente, entre as emprêsas importadoras de café nos Estados Unidos durante 1951. A seguir apresenta-se um quadro comparativo das firmas que importaram mais de 250.000 sacas de café em 1951, junto com as importações correspondentes aos dois anos anteriores: (em sacas de 60 quilos).

Firmas Importadoras	1951	1950	1949
Great Atlantic & Pacific Tea Co	1.762.284	1.721.126	2.474.780
Otis McAllister & Co.	1.496.986	1.419.483	1.102.121
J. Aron & Co.	1.253.183	980.192	1.374.900
General Foods Corp.	1.044.046	1.272.366	1.562.435
J. A. Folger & Co.	880.178	708.024	767.814
Leon Israel & Bros.	701.642	680.814	665.537
Standard Brands, Inc.	461.976	258.799	258.263
W. R. Grace & Co.	428.269	280.872	249.565
East Asiatic Co.	425.183	232.559	161.017
Hills Bros. Coffee, Inc.	416.612	298.396	736.535
Ruffner, McDowell & Burch	415.899	383.781	415.088
S. F. Pellas Co.	370.514	411.409	479.780
Hard & Rand, Inc.	360.454	326.206	378.543
Duncan Coffee Co.	312.567	315.000	350.000
The Kroger Co.	298.000	308.589	445.980
C. A. Mackey & Co.	255.957	205.096	310.210
Ortega & Emigh	252.261	302.566	392.037

A CULTURA CAFEEIRA NA ÁFRICA

VII

A atração malsã das cidades sôbre os indígenas priva as regiões cafeeiras de sua melhor mão-de-obra — O que os espera nas cidades... —

Decresce, com as migrações, o rendimento do trabalhador

Um senhor que almoçava á nossa frente num desses palácios de luxo escandaloso que são os grandes hoteis das capitais africanas, fez soar sôbre a mesa, depois de pagar a conta, uma moedinha de cinco francos (cerca de 30 centavos brasileiros). E quando o "boy" servilmente se aproximou para recolheir essa miserável gorjeta, disse-nos o hospede, com um sorriso confidencial:

— "Nunca lhes deixo mais do que isso. É uma questão de principio: nosso dever é não estragá-los"...

Disse-nos um outro:

— "Pago aos meus empregados indígenas salario dez vezes inferior aos que concedo aos empregados em minha emprêsas metropolitanas. Mas seu rendimento é também dez vezes inferior"...

Poderiamos multiplicar estes exemplos, que demonstram achar-se a África longe ainda da solução do problema da mão-de-obra. É curioso observar que, apesar do contínuo agravamento da escassez de trabalhadores, o nível dos salários não se modificou nestes últimos dez anos: os colonizadores conseguiram mantê-los inalterados em nível extremamente baixo...

É de se perguntar, porém, se diante das dificuldades atuais se poderá manter no futura a mesma situação. Durante muito tempo, as necessidades dos colonos e dos empreiteiros europeus puderam ser satisfeitas graças ás migrações internas. Os indígenas do interior, fugindo das secas, das epidemias e da fome — que ali imperam de forma permanente — procuram as zonas costeiras e as cidades, onde se sentem mais felizes trabalhando por qualquer preço. Sôbre esta desgraçada mão-de-obra, de uma docilidade única, é que se constituiram varias indústrias... e tantas fortunas!

Ademais, o trabalhador indigena não dispõe de nenhum meio de defesa. Não compreende, mesmo, os termos do contrato que aceita. E não sonha com fazer pressão sôbre o empregador, pois toda a faixa costeira do continente está sobrecarregada desses tristes e recentes imigrantes. Ao menor sinal de descontentamento, o trabalhador é imediatamente substituido por outro. Esse foi o "período de ouro" da colonização africana pelas metrópoles européias. Ante o dilema da quantidade ou da qualidade, os colonizadores escolheram, em matéria de mão-de-obra, a primeira solução — um trabalhador de baixo rendimento mas que se contentava com salários miseráveis, trabalhador facilmente substituivel e cuja morte seria largamente compensada pelos lucros dos seus senhores...

Para que tal situação continue, será necessário, porém, que não se esgote esse reservatório de trabalhadores. E isso será impossível. O grande movimento de desagregação social das populações indígenas, iniciada pela conquista, conclui agora seu primeiro ciclo. E hoje a África começa a pagar os erros cometidos,

pois as ações que ali se desenvolveram, injustificáveis no plano da dignidade humana, são absurdas no terreno da realidade econômica. As cidades ainda não foram tocadas pelo novo problema, pois elas acabam, apenas, de usar e destruir o enorme capital humano que as migrações internas lhes proporcionaram, ao passo que o tímido nascimento, que ora se processa, de um proletariado organizado não assume ainda feição ameaçadora. Mas nos campos já se fez o vácuo, tornando-se cada vez mais raros os trabalhadores. Ano a ano torna-se mais angustiosa a escassez de mão de-obra para as culturas e colheitas de algodão, de café e de outros produtos.

São forçosamente baixos os rendimentos de uma economia assim destruidora. A única solução residiria agora, para a África, na elevação da capacidade profissional dos trabalhadores. Mas, longe de alcançar êsse fim, a civilização ocidental, ao se estabelecer no Continente Negro, teve, parece, por preocupação reduzir ainda mais os rendimentos traducionais do indígena. A destruição — fatal, é preciso que se diga, e em certo sentido necessária — da estrutura tribal, imóvel e esclerosada, teve por primeira consequência arrancar o individuo do ponto em que se havia fixado. Premido, então, por suas necessidades econômicas, errando à aventura, desterrado do vilarejo natal, êle passou a oferecer seus braços ao acaso de sua peregrinação. Isto veio ao encontro dos desejos dos colonizadores brancos, sequisos de mão-de-obra barata e servil. Para que os salários permanecessem nos níveis mais baixos possíveis, o trabalhador era — e é — recrutado por meio de importantes organizações que, evitando a concorrência, se tornam senhoras do mercado!

Mas são êstes os resultados de tais erros: no momento em que a cultura cafeeira começa a interessar mais vivamente os colonos europeus, êstes passam a lutar com a falta de trabalhadores o que os impede de levar avante, com a rapidez desejada, as tentativas de criação de uma vasta cultura cafeeira, adiantada, moderna, capaz de concorrer nos mercados externos com os demais produtores mundiais. A abundante mão-de-obra exigida por essa atividade agrícola tem de ser recrutada entre os indígenas em migração, trabalhadores cujo rendimento, como dissemos, é irrisório. Tão grave se está tornando a situação, que as administrações de algumas colônias se mostram sèriamente preocupadas com ela. Certos organismos sugeriram o emprêgo de grandes capitais públicos em iniciativas tendentes à formação de mão-de-obra mais eficiente. Mas, à tradicional "cultura extensiva" dos africanos, os europeus quiseram acrescentar também a uso de uma "mão-de obra mais eficiente. Mas, à tradicional "cultura extensiva" dos africanos, os europeus quiseram acrescentar também o uso de uma "mão-de-obra extensiva", se nos é permitido forjar esta expressão. Foram desastrosos, porém, os resultados da experiência. Às sugestões de organismos sérios como a UNESCO, no sentido da modernização dos trabalhos na África, os velhos colonos africanos, apoiados pelas metrópoles, respondem dizendo que sua experiência demonstrou serem os negros da África Central incapazes de adaptar-se aos métodos da economia moderna. É possível. Mas a experiência de que êles tanto falam malogrou até aqui. Mais um motivo para que se evite sua utilização como base de conclusões sôbre o problema.

Por mais que se procure resumir o assunto, não se pode esgotá-lo num só capítulo desta reportagem. Prosseguir-se-á, portanto, na divulgação de informes sôbre a situação do trabalhador na África. O reporter não teve, certamente, esta intenção: mas o leitor ficará edificado com a descrição do que se vê, a êste respeito, no Continente Negro.

(25-5-1952)

VIII

Salários irrisórios e irrisórios rendimentos — Do Atlântico ao Oceano Índico, a fome devasta a população das regiões cafeeiras do Continente Negro

A alimentação dos indígenas: largatas, termitas e ratos das savanas

Vamos iniciar êste capítulo com a publicação de um quadro dos salários pagos ao trabalhador indígena em algumas regiões cafeeiras africanas. Elaboramo-lo com cifras colhidas nas estatísticas oficiais da ONU, pondo de parte nossas próprios observações, que, embora coincidam com as informações da Organização das Nações Unidas, não se revestiriam da autoridade que apresentam os trabalhos daquele organismo internacional. As estatísticas da ONU foram organizadas com informações colhidas há dois anos. Entretanto, segundo nossas observações, são êsses ainda os níveis vigentes, com mínimas alterações.

Referem-se os salários a trabalhadores não especializados, quer industriais, quer agrícolas. Os salários dos trabalhadores agrícolas são sempre muito inferiores aos dos operários indígenas, como o indicam as cifras referentes à colônia de Kênia e Madagascar. Segundo nossas observações pessoais, a diferença chega a ser do dôbro.

Seria vã uma tentativa de confronto com os salários vigentes nos paises mais adiantados. Para isso, seria preciso também que se levassem em conta os preços em vigor nos mercados africanos, especialmente os preços dos gêneros alimentícios. Devemos assinalar, entretanto, que, sem se ter o intuito, que seria absurdo, de confrontar os salários de um operário da "Ford" com os de um indígena africano, existe um mínimo vital internacional, abaixo do qual um homem não pode, por modesto que seja, viver dignamente e trabalhar com eficiência. E êsse mínimo está longe de ser atingido na África.

E' a seguinte a tabela a que nos referimos:

SALARIO DOS TRABALHADORES NÃO ESPECIALIZADOS EM ALGUMAS REGIÕES AFRICANAS
(Segundo inquérito da ONU sôbre a economia mundial)

Países	Salários	Equivalente em cruzeiros	Observações
(Diárias)			
Nigéria (A.O.F.) ...	42 fr. C.F.A.	7,40	Não agrícola
Camerum	45 fr. C.F.A.	7,80	Não agrícola
Congo Belga	16,60 belgas	7,60	Não agrícola
Madagascar	39 fr. Cf.F.A.	6,80	Agrícola
(Mensais)			
Kenia	28 .s	112	Não agrícola
Kenia	15-21 s.	60-84	Agrícola

Em virtude das grandes correntes migratórias que se verificam no interior da África, é difícil fazer uma idéia precisa das reservas de mão-de-obra disponível nas regiões cafeeiras, e que, ao preço de algum esfôrço, possam ser fixadas nas culturas européias, reeducadas e recuperadas para o setor produtivo. As migrações humanas, atingem, com efeito, extraordinária intensidade e entre as regiões cafeeiras do Ruanda-Urundi (Congo Belga) e a Uganda, por exemplo, passam, nos dois sentidos, num ano, cerca de cem mil indígenas.

É incontestável que nas regiões florestais a população indígena é ainda volumosa. Trata-se, porém, dos elementos mais atrasados da África Negra e que até hoje não foram atingidos pela fascinação das cidades. Só á custa de grandes despesas e de longo trabalho educativo, poderiam ser essas populações fixadas nas culturas europeizadas. Ademais, é tão precario o estado de saúde dessas populações, que seu trabalho seria de ínfimo rendimento. A subnutrição e a fome flagelam duramente toda a África Negra, que é exatamente onde se localizam as culturas de café.

A diferença que se nota entre os trabalhadores das cidades e os indígenas que ainda vivem no interior é clamorosa. Se em Leopoldville, por exemplo, os trabalhadores urbanos pesam em media 60 quilos (os de 1,65-1,70 m. de altura), no interior os indígenas do mesmo talhe não vão além de 50 quilos, raramente 55! Esta miseria física, este abastardamento da raça, verificada regularmente em todo o interior do Continente, deve-se em primeiro lugar á má alimentação. E o pior é que nas regiões agrícolas a sub-alimentação aumenta precisamente nos periodos do duro trabalho das colheitas, reduzindo ainda mais a produtividade. Quer isto dizer que exatamente no instante em que os trabalhos da lavoura exigem maior número de braços e maior vigor físico dos trabalhadores, os indígenas se encontram em estado alimentar vizinho do torpor, caindo a niveis irrisórios sua atividade.

Não poderiamos supor, sem termos testemunhado o que por ali vai, até onde chega este problema no Continente Negro. Nas savanas das regiões que se encontram ao Sul do Sudão, é tal a falta de alimentos azotados e de carne, que os indígenas comem tudo o que lhes cai ás mãos, por repelente que seja o alimento. Uns se alimentam de lagartas, coisas nojentas para nós, mas que, dado o seu alto teor de proteinas, não deixam de ser um bom alimento. Outros se mostram ávidos por termitas e rãs, o que não deixa de ser um alimento são. Mas quando se desce a regiões ainda mais pobres, como o Ubangui, nota-se que os indígenas vivem principalmente de ratos e outros pequenos roedores. É o que provoca a serie propagação, naqueles países, do "tifo das savanas", que contribui para aumentar a miséria física das populações. Só na região de Ubangui, essa doença mata por ano, em media 20 mil indígenas. E isso, num país de baixa densidade demográfica!

O desenvolvimento dessa terrivel enfermidade é o resultado de uma miséria levada ao paroxismo. Do nosso ponto de vista, porém, estes casos extremos são menos graves do que a situação permanente de sub-alimentação em que se acham mergulhadas as populações de toda a África intertropical. Vida curta, tremenda mortalidade, raquitismo, impossibilidade do incremento da produção agrícola — eis o espetáculo que oferece, ao visitante contristado, o Continente Negro. É realmente impressionante o estado de depauperamento da maior parte das populações que visitamos. Dirnos-ão que antes da conquista do continente pelos ingleses, portugueses, franceses e belgas a situação era a mesma. É verdade. Mas nosso intuito não é descobrir os responsáveis por tal miséria; estamo-nos limitando a registrar as

impressões que colhemos dos flagelos que devoram a África Negra e que arruinam a mão-de-obra que ali existe e sem a qual será impossivel o incremento de suas culturas agrícolas, especialmente a do café. (27-5-1952)

IX

Dois terços da floresta equatorial africana já desapareceram diante das criações indígenas e das culturas industriais — Esgotamento do solo, levado pela erosão — Uma couraça de laterite

A destruidora economia africana ataca tanto o solo como a mão-de-obra

Tivemos oportunidade, diante do que nos foi dado observar no Continente Negro, de interrogar os responsáveis pelos serviços administrátivos de diversas colónias sôbre problema do esgotamento do solo nas culturas cafeeiras. Responderam-nos quase sempre com evasivas. Citamos, então, o que já aconteceu nas culturas brasileiras de café, que, quando mal orientadas, provocam o esgotamento dos solos, o que as tem obrigado a uma vasta peregrinação em busca de terras novas. Mas nossos interlocutores demonstraram não atribuir muita importância ao problema...

Seria o solo tropical africano mais rico do que os nossos? Absolutamente não. Algumas terras são, alí, inegàvelmente férteis, mas estão longe de rivalizar com as terras roxas de São Paulo e do Norte do Paraná. De qualquer forma, o café, quando sua cultura não obedece a orientação científica, é capaz de esgotar cerca de 14 quilos de azôto, 17 de potassa, 2 de acido fosforico e 3 de cálcio. qualquer solo, pois essa planta retira, por ano, de um hectare de terra cultivada, cêrca de 14 quilos de azôto, 17 de potassa, 2 de ácido fosfórico e 3 de calcio. Isso, sem considerar a erosão, facilitada pelas plantações mal traçadas.

A indiferença dos administradores africanos diante do problema é tanto mais estranha quanto, mesmo aos olhos do leigo, a África parece mais flagelada pela erosão e pelo esgotamento das terras do que as mais velhas regiões cafeeiras paulistas. Rompeu-se, alí, o equilibrio entre o homem e a natureza, o que contrasta com o que se admira num país de velha civilização, como França, onde é a mais harmoniosa a relação entre o homem e as florestas. É formidável o desgaste do solo africano, que, entretanto, tão pouco produziu ainda! Para nos limitarmos ás terras apropriadas á cultura café, assinalamos que a zona tropical úmida — "habitat" do café Robusta — já não possui mais de 38 % de suas florestas primitivas, proporção que cai a 24% na zona montanhosa, onde se desenvolvem as culturas da variedade Arábica. Em outras palavras: como a "Peau de Chagrin" de Balzac, a floresta africana já perdeu dois terços de sua superficie!

Se se tratasse de uma transformação metódica, ainda se poderia dizer que as derrubadas se justificam pela criação, no mesmo lugar de uma cultura altamente rendosa. Mas a floresta, naquelas regiões, recua não diante do mar de cafeeiros, mas pura e simplesmente do fogo, que vai abrindo caminho às criações errantes e ás pequenas e primitivas plantações dos indígenas africanos. Quando o homem se retira — e ele não pára muito tempo no mesmo lugar — deixa atrás de si um solo esgotado e nú sugeito a todos os efeitos corrosivos de um clima ingrato. Em quase toda parte, as enxurradas levam a terra aravel e, em outras, nas regiões mas pura e simplesmente do fogo, que vai abrindo caminho às criações errantes tando, no Continente, o dominio da laterite... (*)

(*) Substância do subsolo que, exposta ao ar, toma a dureza do macadame forte.

Este é o resultado das culturas indígenas. Mas, em cinquenta anos, as culturas industriais alí estabelecidas por colonos europeus provocaram ainda maiores desgastes do que o trabalho indigína através dos séculos! O europeu considerou o solo da mesma forma que considerou os homens: coisas que se poderiam destruir, para delas se obterem lucros imediatos! A Oeste de Bangui assiste-se a uma verdadeira devastação da floresta e do solo, sob a alegação de que é preciso plantar café. Entre Bambari e Furumbula, as culturas industriais já estão declinando, e os lavradores correm em busca de terras novas, deixando para traz uma imensa cobertura de laterite!

Em face dessas evidências é que nos pareceu estranha a indiferença dos serviços administrativos africanos. Talvez, aos olhos dos burucratas, o mal não se apresente ainda com feição suficientemente dramática para comovê-los. Ou tálvez — e é o mais provável — a ansia de ver surgir no Continente Negro uma grande cultura cafeeira tenha levado os colonizadores a adotar os métodos indígenas de destruição florestal para a mais rápida conquista do solo! Como quer que seja, os colonizadores europeus estão devorando, na África, seu capital mais precioso — depois da mão-de-obra indígena.

Para não parecermos injustos, sublinharemos que, em algumas plantações se têm realizado experiências de regeneração do solo, seja com o plantio de leguminosas entre os cafeeiros, seja com o emprêgo de estêrco de gado, seja enfim com o aproveitamento da palha de café como adubo. Trata-se, porém, de tentativas esporádicas e incompletas, que adiam, apenas, o esgotamento das terras.

É verdade também que nem todos os administradores e nem todos os colonos africanos se mostram indiferentes diante da questão. Todos os que, pelos imperativos de suas próprias fundações, têm acompanhado mais de perto os progressos do flagelo, lançam gritos de alarma, procurando chamar a atenção dos interessados para a gravidade do problema. Queremos referir-nos, sobretudo, aos técnicos das diversas estações experimentais que visitamos. Turmas de pesquisadores mostram-se preocupados com a questão e, em algumas estações experimentais, tenta-se a produção de adubo composto para a recuperação das terras cansadas. Tudo, porém, se acha ainda em fase meramente experimental.

Nem por isso, entretanto, deixam de merecer esses trabalhos citação especial. As estações experimentais não são ainda muito numerosas na África, mas a orientação que vem sendo dada às suas atividades é, sem duvida, fecunda. Elas procuram amparar eficazmente os empreendimentos dos lavradores europeus e as iniciativas dos governos metropolitanos tendentes a quebrar difinitivamente o ciclo da pré-histórica cultura indígena, regenerando-a e integrando-a no setor do intercâmbio mundial, ao lado das grandes culturas européias. É um trabalho imenso, cuja execução requer que se considere o indígena de modo mais humano e que se veja a terra com um capital precioso que se deve defender. No plano da técnica cultural, há também um certo numero de problemas que as estações experimentais tentam resolver como veremos (28-5-1952)

X

A estação experimental de Bingerville, com seus laboratórios, suas sementeiras, seus viveiros de plantas selecionadas, seus trabalhadores indígenas especializados, estuda a cultura cafeeira ideal para a África

Elaboração de uma técnica cultural adaptada ao Continente Negro

Os nossos leitores talvez nos tenham considerado até aqui pessimistas demais

em nossas tentativas de descrição das condições gerais da cultura cafeeira na Africa. Não devem eles esquecer, porém, a advertência que fizemos logo no inicio desta reportagem: a Africa está dividida entre duas tendencias, entre duas forças contraditória, radicando-se uma no passado, voltando-se outra para o futuro. O quadro desolador que descrevemos ao referir-nos ao problema da mão-de-obra e á questão da defesa do solo é um vestigio tenaz da rotina, do primitivismo que luta por manter-se no Continente Negro. Mas a cultura do café já apresenta também ali aspectos modernos, que passaremos a analisar.

Saindo das atrasadas plantações indígenas para visitar as culturas europeizadas ou as estações experimentais ali existentes, tivemos, ás vezes, a extranha impressão de que entravamos futuro a dentro! A estação experimental de Bingerville, por exemplo, á qual chegamos viajando por tormentosa estrada cercada, em toda a sua extensão, pela gigantesca vegetação da África tropical, proporcionou-nos a imagem do que poderá ser, no futuro, a cultura do café no Continente Negro. É um estabelecimento que desperta no visitante a melhor impressão, com suas plantações bem ordenadas, com seus viveiros e sementeiras bem tratados, com seus vastos edifícios, tão bem concebidos, com seus laboratórios, com sua biblioteca, na qual se encontra tudo o que se refere ao café, inclusive numerosas obras brasileiras e revistas especializadas.

A África está longe ainda de ver aplicada em larga escala a cultura cientifica apresentada, como modelo, pela estação de Bingerville. Mas o trabalho que ali se desenvolve indica as diretrizes a serem dadas no futuro ás plantações de café naquele continente. Resta saber se os africanos saberão passar do plano eminentemente teórico daquele laboratório de estudos, para o plano pratico da lavoura moderna.

Na magnífica coleção de cafeeiros de Bingerville — a estação possui também uma coleção igualmente eclética de cacaueiros — estão representadas todas as grandes variedades de café da África tropical. Nela está representada, em primeiro lugar, a variedade "Liberica", originária da costa ocidental da África, mas que, a despeito de sua robustez, perde terreno mesmo em suas regiões de origem, em razão da mediocre bebida que se obtem de seus frutos. A "Indénié", variedade muito encontradiça sobretudo na Costa do Marfim, pertence áquele grupo, sendo suas flores, cesejas e grãos menores, em geral, que os da variedade "Arábica". Vizinho dessa variedade é também o cafeeiro "Anoldina", que é encontrado em estado selvático ao longo do rio Congo. O mesmo se pode dizer do "Abeokutae", originário do Niger, e cujas qualidades específicas teremos oportunidade de examinar mais pormenorizadamente. Ha ainda representantes da variedade "Stenophyla", cafeeiro também chamado "Rio Nunez", e que se desenvolve espontaneamente na Guiné, sendo seu "habitat" as galeiras florestais que bordejam os grandes rios. Esses arbustos, não podados, atingem altura superior a dez metros. Nas plantações, podados, alcançam três metros. As folhas são oblongas e duras. Figuram, enfim, na referida coleção, representantes do grupo "Canephora", ou "Robusta", a cujos carecterístico não nos referiremos agora, pois sendo essa variedade preferida pelas culturas africanas, a ela consagraremos um capítulo especial desta reportagem.

O engenheiro-agrônomo que nos acompanhou na visita á estação de Bingerville expôs-nos também, sucintamente, as diretrizes dos trabalhos e pesquisas ali em realização.

O que tentamos aqui — disse-nos ele — é elaborar uma técnica cafeeira estritamente adaptada á África, ou melhor, ás diferentes regiões cafeeiras africanas. No Camerum ou nas montanhas angolesas de Chela o café não é cultivado como

na Abíssinia ou como no Planalto brasileiro. O que ha na África em matéria de café não passa de simples improvisação. Os cafèzais se desenvolvem mais ou menos ao acaso, tudo lhes falta, e ha entre eles uma verdadeira confusão de variedades. O que se precisa fazer, em primeiro lugar, é... catalogá-los! Devemos em seguida analisar os cafeeiros em particular, e os cafèzais em geral, como analisamos o solo em que eles são cultivados. Cuidado idêntico merece a mão-de-obra. O indigena não sabe nada, ignora tudo; mas isto admitido, é preciso que se determinem os meios de se melhorar a mão-de-obra, educando e instruindo os trabalhadores agricolas. Quando bem dirigidos, os indígenas africanos se mostram inteligentes e hábeis, sendo grande sua capacidade de adaptação a processos mais modernos de agricultura. Após esse trabalho — concluiu — talvez possamos determinar, sem muito dogmatismo, as condições ótimas da técnica cultural cafèeira na África...

Notamos que, de fato, já se iniciou em Bingerville e em outras estações experimentais uma considerável atividade nesse sentido. Citarêmos os seus aspectos principais:

1.º — Seleção das sementes de café a serem distribuidas aos lavradores. Só a estação de Bingerville distribuiu em 1950 6 toneladas de semente selecionadas, capazes de produzir 18 milhões de mudas, o suficiente para o plantio, nas condições de cultura aliem uso, de 9.000 hectares. As sementes são de variedade especialmente indicada para a região.

2.º — Solução do problema da mão-de-obra. Diante da penúria de trabalhadores, foi elaborado um programa mínimo de mecanização da lavoura, sendo prestada, para a sua execução, ajuda técnica aos agricultores. Os agronomos instruem os lavradores sobre as medidas culturais necessrias para a mecanização — principalmente sôbre o espaçamento ideal entre as plantas — orientando-os também sôbre as providências a tomar para a especialização dos trabalhadores agrícolas nesse gênero de atividade;

3.º — estudos de adubação, tendentes a determinar o melhor adubo para o cafeeiro no solo africano;

4.º — estudos em geral sôbre os melhores métodos de cultura de café no clima africano.

Pedimos ao agrônomo que nos acompanhava em Bingerville pormenores suplementares sôbre a seleção de semente e sôbre os cruzamentos entre variedades com o objetivo de melhorá-las. E sentimos que haviamos tocado num dos cuidados dominantes daquela estação experimental. A mesma preocupação, aliás, notamos em outras estações, quer das colonias portuguesas, quer das inglesas, belgas ou francesas. Esse é, de fato, um dos problemas essenciais, de cujo esclarecimento depende, em parte, o futuro cafeeiro da África. Qual, realmente, a variedade que melhor se adapta ali ás condições de solo e clima? E será possível melhorar, pela seleção e pelos cruzamentos, as variedades ali cultivadas, de modo que a produção africana possa rivalizar, nos mercados internacionais, com as outras procedencias? Eis o que se procura estudar nas estações experimentais.

(29-5-1952)

(Continua no próximo número)

A IRRIGAÇÃO POR ASPERSÃO

Torna-se extraordinàriamente difundido o sistema de irrigação por aspersão aplicado ao cafeeiro, à cana de açúcar, frutas e hortaliças. Tipos de instalações para irrigação, fabricados nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Suécia, na Noruega, na Alemanha, na Itália, no Canadá, na Holanda e agora no Japão, já são encontrados no interior do nosso Estado, e cêrca de quinze firmas estão se dedicando ao comércio dessa mercadoria, com aplauso geral. A princípio as máquinas que aqui se instalaram, baseadas no sistema de canos leves de lumínio fàcilmentemente transportáveis, eram todas de origem norte-americana. Uma Escola e Estação Experimental de Agricultura, localizada em Pullman, no Estado de Washington, especializou-se nesses estudos, tornando-se famosa. A seriedade de suas pesquisas autoriza-nos a prever aperfeiçoamentos importantes nessa técnica já de si bastante avançada.

As dificuldades cambiais com que luta o País forçaram-nos a procurar na Europa essas máquinas, e os modelos adquiridos ao Velho Mundo nada ficam a dever aos melhores norte-americanos. Certas instalações, apropriadas aos terrenos de acentuado declive, como os da Itália e Noruega, prestam-se maravilhosamente a muitas regiões cafeeiras de S. Paulo. O preço de uma instalação varia de 500 mil a um milhão de cruzeiros; mas o método proporciona resultados compensadores, pois a irrigação de cêrca de cem mil pés de cafeeiros permite aumento de rendimento capaz de cobrir as despesas da compra. Os maus efeitos da estiagem são por igual eficientemente combatidos com esse processo.

O emprego da irrigação por aspersão — diz um estudo técnico — proporciona aumento da produção da ordem de 20 a 100%, relativamente a cultivos comuns sem irrigação, permitindo também acentuada melhora da qualidade do produto. Nos Estados Unidos as macieiras e pereiras irrigadas por essa forma deram frutas que ganharam a preferência dos consumidores. Verificou-se também elevação do teôr de açúcar de algumas frutas, entre elas a uva, cujo valor comercial para a vinificação aumentou por essa forma. O aumento da porcentagem de açúcar se deve, segundo algumas hipóteses, à intensificação da atividade fotossintética e à maior absorção da umidade realizada pela folhagem mediante a dissolução do azoto e anidrido carbônico. As caraterísticas técnicas dos equipamentos destinados à irrigação por aspersão permitem subministrar a chuva, mudando-se-lhe a altura da queda até cinco metros. Assim o cafeeiro ou as plantas frutíferas e hortaliças podem ser regados por cima ou por baixo,e isso resolve o problema de certas plantas cujos frutos, em virtude de algumas doenças, não toleram a queda da água na época de maturação. O mais conclusivo exemplo do êxito da irrigação por aspersão pode ser apreciado na Guatemala, onde a "United Fruit Co.", que agora irriga 10.000 hectares de plantações de bananas por esse sistema, necessita apenas de doze trabalhadores para esse serviço, ao passo que antigamente precisava de 450 para manter em boas condições os canais e a rêde de distribuição de água, reclamados pelo sistema de irrigação por infiltração.

Em São Paulo, a aplicação da irrigação por aspersão na lavoura cafeeira tem dado resultados tão espantosos, que chegam a ser desacreditados. Sabe-se que em várias experiências, talhões irrigados pelo novo sistema tiveram sua produtividade aumentada de 60 a 150 por cento. Daí o interêsse sem precedentes, que envolve o novo processo irrigatório. Os obstáculos de ordem cambial, que impedem a importação de máquinas norte-americanas, podem ser superados com a compra de instalações fabricadas na Europa, tão boas quanto aquelas.

Estatistica

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XVIII. | São Paulo, 11 de julho de 1952 | N.º 318

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO SAFRA 1951/1952

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estradas de Ferro	julho/maio
Santos a Jundiaí	133.354
Sorocabana	946.702
Paulista	1.921.857
Mogiana	515.904
Araraquara	676.813
Noroeste do Brasil	1.310.221
Central do Brasil	540
Estradas de Rodagem	402
Total	**5.505.793**

NOTA: Os despachos nas EE.FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		Totais
	Ferroviário	Rodoviário	Ferroviário	Rodoviário	
julho/maio	355.015	362.890	8.732	53.621	780.258

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Estados Produtores	julho/maio
Paraná	143.318
Minas Gerais	109.003
Goiás	21.298
Goiás (Rodov.)	1.500
Mato Grosso	5.382
Total	**280.501**

Os dados desta publicação retificam as anteriores.

SAFRA 1951/1952 — (ATÉ 30 DE JUNHO DE 1952) MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS

Paulista	Despachado	Destinado Alterado	Total	Liberado	A liberar
Anteriores	2 797 394	2 317	2 795 077	2 795 077	—
1.º Set.º	428 877	160	428 717	428 717	—
2.ª "	552 448	1 024	551 424	550 174	(*) 1 250
3.ª "	440 963	6 305	434 658	432 608	(*) 2 050
1.ª Out.º	302 296	2 293	300 003	299 503	500
2.ª "	193 287	3 684	189 603	189 412	191
3.ª "	189 277	5 195	184 082	182 307	(*) 1 775
1.ª Nov.º	80 893	590	80 303	75 604	(*) 4 699
2.ª "	76 477	440	76 037	33 207	42 830
3.ª "	66 946	1 900	65 046	10 515	54 531
1.ª Dez.º	57 160	1 471	55 689	—	55 689
2.ª "	58 588	2 295	56 293	—	56 293
3.ª "	39 105	208	38 897	—	38 897
1.ª Jan.º	20 145	2 096	18 049	—	18 049
2.ª "	18 711	—	18 711	—	18 711
3.ª "	20 853	—	20 853	—	20 853
1.ª Fev.º	12 087	500	11 587	—	11 587
2.ª "	11 842	—	11 842	—	11 842
3.ª "	6 026	—	6 026	—	6 026
1.ª Mar.º	3 485	—	3 485	—	3 485
2.ª "	4 128	—	4 128	—	4 128
3.ª "	4 175	—	4 175	—	4 175
1.ª Abr.º	300	—	300	—	300
2.ª "	1 441	—	1 441	—	1 441
3.ª "	1 177	—	1 177	—	1 177
1.ª Maio	1 303	—	1 303	—	1 303
2.ª "	9 186	—	9 186	—	9 186
3.ª "	92 424	—	92 424	—	92 424
Total	**5 490 994**	**30 478**	**5 460 516**	**4 997 124**	**463 392**
Despolpado	14 397	—	14 397	14 397	—
Rodoviário	402	402	—	—	—
Total Geral	**5 505 793**	**30 880**	**5 474 913**	**5 011 521**	**463 392**
(Outros Estados) Até 3.ª Maio)					
Paranaense	143 318	710	142 608	109 107	33 501
Mineiro	109 003	872	108 131	102 038	6 093
Goiano	21 298	333	20 965	19 965	1 000
Goiano (Rodoviário)	1 500	—	1 500	1 384	116
Matogrossense	5 382	—	5 382	5 382	—
Total	**280 501**	**1 915**	**278 586**	**237 876**	**40 710**

OBS.: — Destino Alterado p/ "Rio de Janeiro" 1 646
— Destino Alterado p/ "Interior e Cap." 28 836 30 478

(*) — Retidos por mandato Judicial 6 334
— Safra 50/51 — Por liberar (dependendo de Ação Judicial 1 080

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

MAIO DE 1952

(Sacas de 60 quilos)

Pôrto de Procedência	Exterior	Consumo de bordo	Cabotagem	Total
MAIO:				
Santos	545 018	220	30	545 268
Rio de Janeiro	159 726	126	565	160 417
Vitória	33 820	—	17 554	51 374
Paranaguá	221 714	—	700	222 414
Angra dos Reis	4 375	—	—	4 375
Salvador	255	—	675	930
Recife	247	—	10	257
Total	**965 155**	**346**	**19 534**	**985 035**
Janeiro	1 510 375	293	26 901	1 537 569
Fevereiro	1 405 445	171	34 044	1 439 660
Março	1 496 154	219	22 899	1 519 272
Abril	938 789	206	230 009	962 004
Total de Jan. á Maio	**6 315 918**	**1 235**	**126 387**	**6 443 540**

Nota: Cifras sujeitas á retificação.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

JUNHO DE 1952

(Sacas de 60 quilos)

Pôrto de Procedência	Exterior	Consumo de bordo	Cabotagem	Total
JUNHO:				
Santos	647 046	279	138	647 463
Rio de Janeiro	214 827	55	205	215 087
Vitória	53 796	—	12 070	55 866
Paranaguá	163 971	—	1 420	165 391
Angra dos Reis	12 842	—	—	12 842
Salvador	2 032	—	1 546	3 578
Recife	2 432	—	—	2 432
Total	1 086 946	334	15 379	1 102 659
Janeiro	1 510 375	293	26 901	1 537 569
Fevereiro	1 405 445	171	34 044	1 439 660
Março	1 496 154	219	22 899	1 519 272
Abril	938 789	206	23 009	962 004
Maio	965 155	346	19 534	985 035
Total de Jan. á Junho	**7 402 864**	**1 569**	**141 766**	**7 546 199**

Nota: Cifras sujeitas á retificação.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

I — Detalhe pelos países de destino

MAIO de 1952

DESINO	QUANTIDADE (sacas de 60 quilos)	VALOR (Cruzeiros)
AFRICA:		
CANÁRIAS: Las Palmas	5 166	5 360 853
EGITO: Alexandria	200	256 472
LÍBIA: Tripoli	125	146 575
MARROCOS ESPANHOL: via Tanger	7 916	7 973 133
MARROCOS FRANCÊS: Casablanca	1 772	1 891 513
SUDOESTE AFRICANO: Walvis Bay	100	115 339
UNIÃO SUL AFRICANA:	675	762 840
Cape Town	350	390 329
Durban	75	75 405
Mossel Bay	250	297 106
AMÉRICA DO NORTE:		
CANADÁ:	18 163	22 102 489
Montreal	8 800	10 710 833
Toronto	1 500	1 829 857
Vancouver	7 863	9 561 799
ESTADOS UNIDOS:	573 743	690 883 863
Baltimore	31 360	37 879 885
Boston	20 112	24 283 682
Filadélfia	6 208	7 586 965
Houston	27 957	33 535 933
Jacksonville	15 750	19 145 421
Los Angeles	14 543	17 694 106
New Orleans	153 213	181 737 774
New York	218 557	263 523 251
Norfolk	4 650	5 632 314
Portland	2 850	3 453 852
São Francisco	58 213	71 645 541
Seattle	19 830	24 181 565
Tacoma	500	583 574
AMÉRICA DO SUL:		
ARGENTINA:	42 608	49 495 660
Buenos Aires	40 495	47 170 196
Rosário	2 113	2 325 464
URUGUAI: Montevidéu	5 650	6 416 160
ASIA:		
CHIPRE: Limassol	2 000	2 098 902
FILIPINAS: Manila	218	269 181
IRAQUE: via Beirute	3 600	3 777 983
JAPÃO:	1 382	1 815 673
Cobe	321	417 739
Iocoama	1 061	1 397 934
JORDÂNIA: via Beirute	3 002	3 178 082

DESINO	QUANTIDADE (sacas de 60 quilos)	VALOR (Cruzeiros)
TURQUIA:	3 498	3 634 152
Mersina	416	397 436
Smyrna	1 082	1 137 814
Stambul	2 000	2 098 902
EUROPA:		
ALEMANHA:	37 646	50 226 137
Bremen	12 779	17 063 425
Hamburgo	24 687	33 162 712
ÁUSTRIA:	633	803 869
via Hamburgo	266	313 436
via Roterdam	211	279 688
via Trieste	156	210 745
BELGO-LUXEMBURGUESA, E. E:	48 462	57 378 726
Antuérpia	18 462	21 679 338
Copenhague	30 000	35 699 388
FINLÂNDIA: Helsinki	36 834	42 666 129
FRANÇA:	23 191	29 568 843
Bordéus	125	145 790
Dunqurque	500	580 228
Havre	21 441	27 471 819
Marselha	1 125	1 371 006
GIBRALTAR:	4 000	4 258 807
GRÃ-BRETANHA: Londres	8 480	10 157 251
HOLANDA:	13 572	17 028 050
Amsterdam	7 822	9 686 175
Roterdam	5 750	7 341 875
IRLANDA: Dublin	120	148 180
ISLÂNDIA. Reykjavik	2 560	2 832 983
ITÁLIA:	7 635	9 597 628
Ancona	173	190 774
Catânia	62	59 906
Gênova	3 114	4 001 570
Livorno	188	200 818
Nápoles	3 700	4 670 677
Palermo	153	160 708
Veneza	245	313 175
MALTA: La Valeta	190	182 167
NORUEGA:	28 500	35 107 871
Bergen	5 000	6 159 420
Oslo	20 000	24 634 301
Stavanger	1 000	1 241 100
Trondhjen	2 500	3 073 050
SUÉCIA:	76 473	97 020 181
Estocolmo	38 994	49 457 024
Gotemburgo	21 200	26 909 037
Helsingborg	7 949	10 121 107
Malmo	8 330	10 533 013
SUIÇA:	6 788	7 621 368
via Amsterdam	1 150	1 308 665
via Antuérpia	5 638	6 312 703
VATICANO:	3	3 000
TOTAL GERAL:	**964 905**	**1 164 780 160**

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	QUANTIDADE sacas de 60 quilos	VALOR Cruzeiros
Áustria	Santos	649	845 185
	Rio de Janeiro	908	1 071 041
	Total	1 557	1 916 226
Belgo Lox. U. E.	Santos	51 049	65 534 160
	Rio de Janeiro	52 666	59 405 737
	Vitória	10 378	10 594 106
	Paranaguá	17 345	21 386 447
	Total	131 438	156 920 450
Dinamarca	Santos	93 559	115 517 088
	Rio de Janeiro	31 801	36 388 791
	Total	125 360	151 905 879
Finlândia	Santos	80 793	103 726 899
	Rio de Janeiro	168 332	183 256 476
	Total	249 125	286 983 375
França	Santos	104 691	134 617 793
	Rio de Janeiro	139 125	156 587 961
	Vitória	12 362	11 868 642
	Paranaguá	18 668	23 027 056
	Bahia	1 660	2 048 277
	Recife	12 540	15 340 943
	Total	289 046	343 490 672
Gibraltar	Rio de Janeiro	3 432	3 646 801
	Vitória	6 000	6 205 011
	Total	9 432	9 851 812
Grã-Bretanha	Santos	20 000	24 844 143
	Rio de Janeiro	42 410	46 703 179
	Paranaguá	108 912	131 701 763
	Bahia	250	290 257
	Total	171 572	203 539 342
Grécia	Rio de Janeiro	17 055	19 542 190
Holanda	Santos	101 974	129 647 137
	Rio de Janeiro	23 457	25 913 083
	Vitória	5 250	5 333 712
	Angra dos Reis	1 000	1 214 400
	Paranaguá	14 972	18 799 788
	Bahia	500	605 640
	Total	147 153	181 513 760
Irlanda	Santos	250	324 053
	Paranaguá	120	148 180
	Total	370	472 233
Islândia	Rio de Janeiro	8 580	9 608 516

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	QUANTIDADE sacas de 60 quilos	VALOR Cruzeiros
Itália	Santos	58 321	75 780 953
	Rio de Janeiro	38 348	41 247 316
	Vitória	15 514	15 498 019
	Paranaguá	2 529	3 175 488
	Bahia	2 772	3 283 419
	Recife	3 448	4 041 369
	Total	120 932	143 026 564
Iugoslávia	Santos	3 662	4 606 745
	Rio de Janeiro	4 000	4 279 746
	Total	7 662	8 886 491
Malta	Rio de Janeiro	3 100	3 493 921
	Vitória	300	288 882
	Total	3 400	3 782 803
Noruega	Santos	53 250	65 898 907
	Rio de Janeiro	26 250	32 355 000
	Paranaguá	42 000	51 378 630
	Total	121 500	149 632 537
Polônia	Rio de Janeiro	1 646	1 974 968
Suécia	Santos	325 095	415 847 091
	Rio de Janeiro	50 627	57 954 837
	Angra dos Reis	9 825	12 425 171
	Paranaguá	30 026	37 341 648
	Bahia	863	1 096 608
	Total	416 436	524 665 355
Suiça	Santos	1 275	1 675 037
	Rio de Janeiro	26 684	30 054 107
	Vitória	5 000	5 026 174
	Total	32 959	36 755 318
Tchecoslováquia	Rio de Janeiro	3 500	3 859 800
Trieste	Santos	5 985	7 327 860
	Rio de Janeiro	2 598	2 812 140
	Vitória	500	475 527
	Total	9 083	10 615 527
OCEANIA:			
Austrália	Santos	499	639 042
Nova Zelândia	Santos	33	42 166
TOTAL GERAL	....	**6 315 668**	**7 639 030 799**

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	Total
AMÉRICA DO SUL:								
ARGENTINA:								
Buenos Aires	27 735	86 976	25 476	—	1 446	—	—	141 633
Rosário	—	9 328	1 948	—	—	—	—	11 276
CHILE:								
Antofagasta	—	—	215	—	—	—	—	215
Arica	—	—	40	—	—	—	—	40
Coquimbo	—	—	45	—	—	—	—	45
Corral	—	—	280	—	—	—	—	280
Iquique	—	—	60	—	—	—	—	60
Puerto Montt	—	—	60	—	—	—	—	60
Punta Arenas	—	125	769	—	—	—	—	894
Talcahuano	—	592	4 267	—	—	—	—	4 859
Valparaiso	150	2 627	14 684	—	—	—	—	17 461
PARAGUAI: Assunção	—	1 500	—	—	—	—	—	1 500
URUGUAI: Montevidéu	—	9 700	—	—	—	—	—	9 700
ASIA:								
ADEN: via Beirute	—	170	—	—	—	—	—	170
CHILE:								
Famagusta	175	12 252	—	—	—	—	—	12 427
Larnaca	—	2 322	250	—	—	—	—	2 572
Limassol	—	4 566	—	—	—	—	—	4 566
FILIPINAS: Manila	543	—	—	—	—	—	—	543
IRAQUE: via Beirute	—	49 536	—	—	—	—	—	49 536
ISRAEL: Gaza	—	169	—	—	—	—	—	169
JAPÃO:								
Cobe	2 471	107	—	—	—	—	—	2 578
Iocoama	4 094	—	—	—	—	—	—	4 094
Osaca	105	—	—	—	—	—	—	105

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	Total
JORDÂNIA:								
Aman	—	4 693	—	—	—	—	—	4 693
via Beirute	—	3 002	—	—	—	—	—	3 002
LÍBANO: Beirute	—	2 990	—	—	—	—	—	2 990
SÍRIA: Lattákia	—	415	—	—	—	—	—	415
TURQUIA:								
Mersina	—	416	—	—	—	—	—	416
Smyrna	—	7 332	—	—	—	—	—	7 332
Stambul	—	22 691	—	—	—	—	—	22 691
EUROPA:								
ALEMANHA:								
Bremen	66 596	6 409	—	1 174	2 642	—	—	76 821
Frankfur	8 038	—	—	—	—	—	—	8 038
Hamburgo	158 187	17 671	—	3 229	8 641	302	—	188 030
Heilmornn	400	—	—	—	—	—	—	400
Verdingen	1 725	—	—	—	—	—	—	1 725
ÁUSTRIA:								
via Amsterdam	282	—	—	—	—	—	—	282
via Hamburgo	—	266	—	—	—	—	—	266
via Rotterdam	211	—	—	—	—	—	—	211
via Trieste	156	642	—	—	—	—	—	798
BELGO-LUXEMBURGUESA, U. E.								
Antuérpia	51 049	52 666	10 378	—	17 345	—	—	131 438
DINAMARCA: Copenhague	93 559	31 801	—	—	—	—	—	125 360
FINLÂNDIA: Helsinki	80 793	168 332	—	—	—	—	—	249 125
FRANÇA:								
Bordéos	2 000	7 891	—	—	250	—	890	11 031
Dunquerque	1 000	20 925	750	—	1 250	—	—	23 925
Havre	79 650	88 219	4 487	—	16 293	535	9 900	199 084

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	Total
Marselha	20 291	19 933	7 125	—	875	650	1 750	50 624
Strasburgo	1 750	2 157	—	—	—	475	—	4 382
GIBRALTAR:	—	3 432	6 000	—	—	—	—	9 432
GRÃO-BRETANHA:								
Liverpool	—	—	—	—	33 250	—	—	33 250
Londres	20 000	42 410	—	—	70 662	250	—	133 322
Manchester	—	—	—	—	5 000	—	—	5 000
GRÉCIA: Pireus	—	17 055	—	—	—	—	—	17 055
HOLANDA:								
Amsterdam	86 741	22 957	2 750	1 000	9 597	500	—	123 545
Rotterdam	15 233	500	2 500	—	5 375	—	—	23 608
IRLANDA: Dublin	250	—	—	—	120	—	—	370
ISLÂNDIA: Reykjavik	—	8 580	—	—	—	—	—	8 580
ITÁLIA:								
Ancona	235	207	131	—	—	—	—	573
Bari	266	262	125	—	—	—	—	653
Cagliari	—	125	—	—	—	—	—	125
Catânia	276	965	350	—	—	—	—	1 591
Genova	30 380	7 644	7 375	—	1 950	2 103	2 504	51 956
Livorno	2 966	737	886	—	125	—	—	4 714
Messina	31	320	382	—	—	—	—	733
Monfalcone	168	959	250	—	—	389	125	1 891
Napoles	14 432	17 145	2 854	—	329	165	—	34 925
Palermo	235	2 363	349	—	—	—	24	2 971
Pôrto Tôrres	190	545	442	—	—	—	—	1 177
Riposto	—	188	74	—	—	—	—	262
Spezia	689	910	—	—	—	—	—	1 599
Veneza	8 450	5 978	2 296	—	125	115	795	17 759
IUGOSLÁVIA:								
Rijeka	—	4 000	—	—	—	—	—	4 000
via Trieste	3 662	—	—	—	—	—	—	3 662

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	Total
MALTA: Valeta	—	3 100	300	—	—	—	—	3 400
NORUEGA:								
Bergen	8 000	4 000	—	—	10 000	—	—	22 000
Oslo	35 500	19 000	—	—	23 000	—	—	77 500
Stavanger	3 000	—	—	—	—	—	—	3 000
Trondjen	6 750	3 250	—	—	9 000	—	—	19 000
POLÔNIA: Gdnia	—	1 646	—	—	—	—	—	1 646
SUÉCIA:								
Estocolmo	146 880	37 209	—	4 675	22 724	620	—	212 108
Gefle	—	500	—	—	—	—	—	500
Gotemburgo	106 924	8 493	—	2 775	5 564	243	—	123 999
Helsingborg	36 490	2 800	—	2 375	1 250	—	—	42 915
Malmo	34 801	1 625	—	—	488	—	—	36 914
SUIÇA:								
via Amsterdam	1 275	8 344	500	—	—	—	—	10 119
via Antuérpia	—	15 084	—	—	—	—	—	15 084
via Genova	—	2 506	4 000	—	—	—	—	6 506
via Rotterdam	—	250	—	—	—	—	—	250
via Trieste	—	500	500	—	—	—	—	1 000
TCHECOSLOVÁQUIA:								
via Hamburgo	—	3 500	—	—	—	—	—	3 500
TRIESTE:	5 985	2 598	500	—	—	—	—	9 083
VATICANO:	3	—	—	—	—	—	—	3
OCEANIA:								
AUSTRÁLIA: Sydney	499	—	—	—	—	—	—	499
NOVA ZELÂNDIA:								
Wellington	33	—	—	—	—	—	—	33
TOTAL:	**3 290 351**	**1 523 735**	**194 117**	**99 679**	**1 184 951**	**6 347**	**16 488**	**6 315 668**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

IV — Janeiro a Maio de 1951 em comparação com o mesmo período de 1952

1. Detalhe mensal

MESES	1951		1952		Diferença (para + ou —) em 1952	
	Quantidade sacas de 60 quilos	Valor (Cruzeiros)	Quantidade sacas de 60 quilos	Valor (Cruzeiros)	Quantidade sacas de 60 quilos	Valor (Cruzeiros)
Janeiro	1 241 156	1 483 548 701	1 510 375	1 789 866 134	+ 269 219	+ 306 317 433
Fevereiro	1 598 285	1 932 010 282	1 405 445	1 706 607 918	— 192 940	— 225 402 364
Março	1 489 071	1 807 919 845	1 496 154	1 825 543 068	+ 7 083	+ 17 623 223
Abril	1 012 208	1 239 152 373	938 789	1 152 233 519	— 73 419	— 86 918 854
Maio	1 172 545	1 431 355 616	964 905	1 164 780 160	— 207 640	— 266 575 456
Cinco Meses:	6 513 365	7 893 986 817	6 315 668	7 639 030 799	— 197 697	— 254 956 018
Junho	914 292	1 105 370 898	—	—	—	—
Julho	891 810	1 063 395 804	—	—	—	—
Agosto	1 407 054	1 637 768 098	—	—	—	—
Setembro	1 533 400	1 784 172 843	—	—	—	—
Outubro	1 763 933	2 068 681 593	—	—	—	—
Novembro	1 651 876	1 940 311 786	—	—	—	—
Dezembro	1 682 278	1 963 133 699	—	—	—	—
A N O:	**16 358 008**	**19 456 821 538**	—	—	—	—

2 — Portos de Procedência

PROCEDÊNCIA PORTOS DE	1 9 5 1		1 9 5 2		Diferença (para + ou —) em 1952	
	Quantidade sacas de 60 quilos	Valor (Cruzeiros)	Quantidade sacas de 60 quilos	Valor (Cruzeiros)	Quantidade sacas de 60 quilos	Valor (Cruzeiros)
Santos	3 258 008	4 074 426 138	3 290 351	4 119 678 192	+ 32 343	+ 45 252 454
Rio de Janeiro .	1 576 403	1 797 428 580	1 523 735	1 739 313 088	— 52 668	— 58 115 492
Vitória	126 755	134 041 198	194 117	194 173 573	+ 67 362	+ 60 132 375
Angra dos Reis	89 674	108 886 787	99 679	122 979 791	+ 10 005	+ 14 093 004
Paranaguá	1 418 437	1 727 286 567	1.184 951	1 435 208 846	— 233 486	— 292 077 721
Bahia	11 764	13 985 138	6 347	7 697 555	— 5 417	— 6 287 583
Recife	32 324	37 932 409	16 488	19 979 754	— 15 836	— 17 952 655
TOTAL:	**6 513 365**	**7 893 986 817**	**6 315 668**	**7 639 030 799**	**— 197 697**	**— 254 956 018**

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE JUNHO DE 1952 — SAFRA DE 1951/52

MESES	Entradas	Embarques
1951		
julho	279.271	282.021
agosto	390.108	410.182
setembro	442.806	531.090
1.º trimestre:	**1.112.185**	**1.223.293**
outubro	703.560	615.614
novembro	729.740	509.561
dezembro	766.711	611.090
2.º trimestre:	**2.200.011**	**1.736.265**
1.º semestre:	**3.312.196**	**2.959.558**
1952		
janeiro	400.023	455.039
fevereiro	401.736	308.851
março	400.000	425.783
3.º trimestre:	**1.201.759**	**1.189.673**
9 MESES:	**4.513.955**	**4.149.231**
abril	293.562	176.912
maio	192.028	160.291
junho	196.314	215.032
4.º trimestre:	**681.904**	**552.235**
2.º semestre:	**1.883.663**	**1.741.908**
SAFRA — 1951/51	**5.195.859**	**4.701.466**

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE JUNHO DE 1952

VIAS	PROCEDÊNCIAS					TOTAL
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Espírito Santo	Bahia	
E. F. C. do Brasil	7.355	—	—	—	—	7.355
E. F. Leopoldina	—	1.704	7.584	9.433	—	18.721
Regulador	—	—	—	11.268	—	11.268
Rodoviário	23.820	59.962	17.094	51.478	6.616	158.970
TOTAIS:	**31.175**	**61.666**	**24.678**	**72.179**	**6.616**	**196.314**

EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE MAIO DE 1952

CONTINENTES	PAÍSES	SACAS	TOTAIS
EUROPA:	Alemanha	4.292	
	Áustria	266	
	Bélgica	7.587	
	Dinamarca	7.200	
	Finlândia	28.334	
	França	1.750	
	Grã-Bretanha	2.130	
	Holanda	2.322	
	Islândia	2.560	
	Itália	372	
	Suécia	2.125	
	Suiça	6.788	
	Turquia	2.000	67.726
AMÉRICA DO NORTE:	Estados Unidos	42.950	42.950
AMÉRICA DO SUL:	Argentina	30.627	
	Uruguai	5.650	36.277
ÁFRICA:	Líbia	125	
	Marrocos Espanhol	1.666	
	Sud. Africano	100	
	U. S. Africana	675	2.566
ÁSIA:	Chipre	2.000	
	Iraque	3.600	
	Japão	107	
	Transjordânia	3.002	
	Turquia	1.498	10.207
	Total p/ o exterior:		**159.726**
CABOTAGEM:	Sul	565	565
	Total geral:		**160.291**

— Consumo de bordo — 126 sacas.

MOVIMENTO DE CAFÉ EM SANTOS

SAFRA 1951/52

MESES	ENTRADAS						MOVIMENTO			
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Mato-grossense	Total	Embarques	Despachos	Café ret. do esto.	Existência
Julho	320 910	20 956	5 555	27 791	—	375 212	463 494	465 670	1 970	1 477 517
Agosto	446 425	30 019	2 331	32 534	300	511 609	613 037	595 291	2 119	1 373 970
Setembro	597 479	26 722	4 567	37 531	1 628	667 927	582 738	621 612	1 895	1 457 264
Outubro	745 505	31 257	4 726	43 582	2 500	827 570	761 542	742 231	1 681	1 521 611
Novembro	736 049	29 750	2 203	87 366	2 362	857 730	718 554	781 513	1 835	1 658 952
Dezembro	611 373	17 229	2 456	157 802	1 759	790 619	640 042	570 482	1 676	1 807 853
Janeiro	726 695	13 516	5 835	161 205	—	907 251	750 356	749 757	1 691	1 963 057
Fevereiro	699 660	15 160	2 909	8 977	733	727 439	774 516	773 786	5 635	1 910 345
Março	624 880	7 940	2 000	6 480	495	641 795	802 204	798 177	1 631	1 748 305
Abril	476 537	8 255	2 389	2 134	1 600	490 915	416 894	415 065	3 280	1 819 046
Maio	405 686	7 186	1 419	10 364	300	424 955	547 836	538 512	5 509	1 690 656
Junho	440 827	10 980	1 537	15 413	—	468 757	647 222	655 402	3 715	1 508 476
Total......	**6 832 026**	**218 970**	**37 927**	**591 179**	**11 677**	**7 691 779**	**7 718 435**	**7 707 498**	**32 637**	—

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1 9 5 2	Santos	R. Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. dos Reis	Recife	Total
Janeiro	1 963 057	600 183	86 452	6 177	592 008	68 414	18 028	3 334 319
Fevereiro	1 910 345	666 724	83 484	5 744	623 551	37 279	14 346	3 341 473
Março	1 748 305	613 124	66 938	4 974	599 087	29 686	10 811	3 072 925
Abril	1 819 046	700 638	52 623	5 971	489 312	27 003	10 771	3 105 364
Maio	1 690 656	704 011	56 126	8 036	269 702	20 168	11 132	2 759 831
Maio 1951	1 564 710	585 792	19 001	13 437	399 901	10 149	19 957	2 612 947
" 1950	1 615 996	636 039	48 197	29 448	81 444	15 484	30 953	2 457 561
" 1949	2 210 668	531 058	14 096	65 243	96 835	—	23 774	2 941 674
" 1948	2 047 127	757 314	53 128	67 223	212 242	7 338	51 055	3 195 427

1 9 5 2	Santos	R. Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. dos Reis	Recife	Total
Janeiro	1 963 057	600 183	86 452	6 177	592 008	68 414	18 028	3 334 319
Fevereiro	1 910 345	666 724	83 484	5 744	623 551	37 279	14 346	3 341 473
Março	1 748 305	613 124	66 938	4 974	599 087	29 686	10 811	3 072 925
Abril	1 819 046	700 638	52 623	5 971	489 312	27 003	10 771	3 105 364
Maio	1 690 656	704 011	56 126	8 036	269 702	20 168	11 132	2 759 831
Junho	1 508 476	487 432	38 505	6 137	105 541	250	10 981	2 157 322
Junho 1951	1 477 517	467 167	37 544	10 354	267 332	10 361	12 812	2 283 087
" 1950	1 618 892	658 060	48 438	25 242	102 615	120	15 640	2 469 007
" 1949	2 146 203	513 627	29 114	56 086	104 190	2 000	20 485	2 871 705
" 1948	2 253 306	593 602	49 984	74 733	162 776	6 445	45 277	3 186 123

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO e VITÓRIA

JUNHO DE 1952

Em Cr$ por 10 quilos

DIAS	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	4 mole	4 duro	5 s/descrição	7	7
2	196 50	194 50	191 50	166 00	148 90
3	196 50	194 50	191 50	166 00	148 30
4	195 50	193 50	191 00	166 00	148 30
5	195 50	193 50	190 50	166 00	148 20
6	195 50	193 50	190 50	166 00	148 50
9	195 50	193 50	190 50	166 00	149 80
10	195 50	193 50	190 50	166 50	150 80
11	195 50	193 50	190 50	167 00	151 40
13	195 50	193 50	190 50	167 50	151 90
16	195 50	193 50	190 50	166 50	151 40
17	195 00	193 00	190 00	166 00	151 00
18	195 00	193 00	190 00	165 00	149 90
19	195 00	193 00	190 00	166 60	149 80
20	195 00	193 00	190 00	166 00	150 40
23	195 00	193 00	190 00	167 00	150 90
24	195 00	193 00	190 00	167 00	151 50
25	195 00	193 00	190 00	167 50	151 80
26	195 00	193 00	190 00	167 50	151 90
27	196 00	194 00	191 00	170 00	152 50
30	196 00	194 00	191 00	169 00	152 50
Média	**195 45**	**193 45**	**190 47**	**166 75**	**150 48**

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

JUNHO DE 1952

(Em cents. por libra de 453,60 gr.)

DIA	SANTOS				RIO	
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 extra mole	Tipo 4 extra mole	Tipo 4	Tipo 7
2	53 00	52 50	54 50	53 50	—	47 75
3	53 00	52 50	54 25	53 25	—	47 75
4	53 00	52 50	54 25	53 25	—	47 75
5	53 00	52 50	54 25	53 25	—	47 75
6	53 00	52 50	54 25	53 25	—	47 75
9	52 75	52 50	54 00	53 00	—	47 75
10	52 75	52 50	54 00	53 00	—	47 75
11	52 75	52 50	54 00	53 00	—	47 75
12	53 00	52 75	54 25	53 25	—	47 75
13	53 00	52 75	54 25	53 25	—	47 75
17	53 00	52 75	54 25	53 25	—	47 75
18	52 50	52 25	54 00	53 00	—	47 50
19	52 50	52 25	54 00	53 00	—	47 50
20	52 25	52 00	53 50	52 50	—	47 50
23	52 75	52 25	54 00	53 00	—	47 75
24	52 75	52 25	54 00	53 00	—	47 75
25	52 75	52 25	54 00	53 00	—	47 75
26	52 75	52 25	54 00	53 00	—	47 75
27	53 00	52 50	54 50	53 50	—	47 75
30	53 00	52 50	54 50	53 50	—	47 75
Média	**52 82**	**52 44**	**54 14**	**53 14**	—	**47 71**

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Junho de 1952

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS				
	7	14	21	28	MÉDIA
COLÔMBIA:					
Medelin Excelso	(2) 56 3/4	(2) 56 00	(2) 56 00	(2) 56 00	56 3/16
Armenia	(2) 56 3/4	(2) 56 00	(2) 56 00	(2) 56 00	56 3/16
Manizales	(2) 56 3/4	(2) 56 00	(2) 56 00	(2) 56 00	56 3/16
Cucutá	(2) 56 1/2	(6) 55 3/4	(6) 55 3/4	(6) 55 3/4	55 15/16
Bogotá	(2) 56 1/2	(6) 55 3/4	(6) 55 3/4	(6) 55 3/4	55 15/16
Tolima	(2) 56 1/2	(6) 55 3/4	(6) 55 3/4	(6) 55 3/4	55 15/16
Ocana	(2) 56 1/2	(6) 55 3/4	(6) 55 3/4	(6) 55 3/4	55 15/16
COSTA RICA:					
Duro	(2) 57 00	(6) 56 1/2	(6) 56 1/2	(6) 56 1/2	56 5/8
Atlântico Fino	(2) 56 3/4	(6) 55 3/4	(6) 55 3/4	(6) 55 3/4	56 00
EQUADOR:					
Lavado	(6) 54 00	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	54 3/8
Extra não lavado	(6) 48 00	(6) 48 1/2	(6) 48 1/2	(6) 48 1/2	48 3/8
GUATEMALA:					
Antigua	(6) 57 3/4	(6) 57 3/4	(6) 57 3/4	(6) 57 3/4	57 3/4
Extra primeira	(6) 56 3/4	(2) 56 00	(2) 56 00	(2) 56 00	56 3/16
Lavado bom	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	55 1/2
Bourbon	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	54 1/2
HAITÍ:					
Lavado bom mole	(6) 53 1/2	(2) 54 00	(2) 54 00	(2) 54 00	53 7/8
Catado á mão	(6) 50 1/2	(2) 50 1/2	(2) 50 1/2	(2) 50 1/2	50 1/2
HONDURAS:					
Lavado bom	(6) 56 1/2	(6) 56 00	(6) 56 00	(6) 56 00	56 1/8
Tipo 5 - Comum duro	(6) 47 1/2	(6) 47 00	(6) 47 00	(6) 47 00	47 1/8

ANTOS

DIA	Café retirado do estoque	Esto. Café em p/DNC em Santos — Existência em poder do D.N.C.	Vendas	Existência
2	—	438	10 623	1 707 239
3	—	438	4 680	1 711 711
4	—	438	12 316	1 715 906
5	1 710	438	10 709	1 717 999
6	—	438	23 038	1 697 664
7	—	438	6 898	1 683 576
9	—	438	28 832	1 681 596
10	—	438	26 081	1 660 755
11	—	438	22 086	1 650 300
13	—	438	15 736	1 666 172
14	—	438	15 876	1 682 259
16	—	438	18 281	1 677 134
17	—	438	22 638	1 667 590
18	—	438	18 736	1 664 150
19	—	438	26 822	1 642 719
20	—	438	27 302	1 622 699
21	—	438	20 827	1 575 979
23	—	438	22 103	1 563 513
24	—	438	46 097	1 559 595
25	—	438	36 594	1 569 415
26	—	438	44 055	1 570 664
27	—	438	35 150	1 578 374
28	—	438	20 444	1 552 425
30	2 005	438	29 479	1 508 476
TOTAL	3 715	—	545 403	—

RIO DE JANEIRO

MBARQUES

Cabotagem	Total	Revertido ao mercado	Retirado do mercado	Consumo local	Existência
—	3 326	—	126	1 050	714 824
—	—	—	—	1 050	713 774
—	2 000	—	—	1 050	724 325
—	—	—	—	1 050	745 396
—	17 222	—	—	1 050	745 948
—	1 905	—	—	1 050	742 993
—	7 950	—	—	1 050	742 785
—	—	1 035	80	1 050	751 505
—	17 946	—	—	1 050	743 196
—	7 733	—	—	2 100	741 467
—	2 360	—	—	1 050	738 057
—	3 755	—	—	1 050	746 826
—	100	—	—	1 050	763 529
—	6 175	—	—	1 050	763 264
5	44 982	—	40	1 050	720 939
—	173	—	—	1 050	729 629
—	—	—	—	1 050	728 579
—	31 670	7 570	—	1 050	705 784
—	20 171	—	—	1 050	689 112
100	5 224	—	—	1 050	688 879
—	6 020	—	250	1 050	688 175
—	21 193	—	100	1 050	672 158
—	—	—	165 620	1 050	505 488
—	15 127	—	250	14 800	487 434
105	215 032	8 605	166 466	40 000	—

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Junho de 1952

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS				
		14	21	28	MÉDIA
	2				
MÉXICO:					
Coatepec	(2) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	55 1/2
Tapachula primeira	(2) 55 1/2	(2) 55 00	(2) 55 00	(2) 55 00	55 1/8
NICARAGUA:					
Matagalpa	n/cot.	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	54 1/2
Lavado primeira	"	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 54 00	54 00
EL SALVADOR:					
Lavado primeira	(6) 57 00	(6) 56 1/2	(6) 56 1/2	(6) 56 1/2	56 5/8
S. DOMINGOS:					
Lavado bom móle	(6) 51 1/4	n/cot.	n/cot.	n/cot.	51 1/4
Fino	(6) 52 00	(6) 52 00	(6) 52 00	(6) 52 00	52 00
VENEZUÉLA:					
Maracaibo	(6) 55 3/4	(2) 55 00	(2) 55 00	(2) 55 00	55 3/16
CONGO BELGA:					
Lavado robusta	(2) 53 3/4	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 54 00	53 15/16
MÓCA:					
Móca (Arabia)	(2) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	55 1/2
N.E.I.:					
Genuino Java lavado	(2) 68 00	(2) 68 00	(2) 68 00	(2) 68 00	68 00
UGANDA:					
Lavado	(6) 44 00	n/cot.	n/cot.	n/cot.	44 00

INDICAÇÕES:

1) C. & F. — U.S.A. (Nova York)
2) Desembarcado á vista líquido
3) Disponível
4) F.O.B. (Nova York)
5) F.O.B. País de Procedência
6) Nominal

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Contrato "S"

JUNHO DE 1952

DIAS	Julho		Setembro		Dezembro		Março		Maio	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
3	53 05	52 97	52 35	52 29	51 65	51 59	51 10	51 23	50 10	50 23
3	53 10	52 82	52 45	52 21	51 76	51 40	51 38	51 09	50 40	50 10
4	52 77	52 80	52 20	52 24	51 40	51 48	51 05	51 17	50 10	50 03
5	52 80	52 75	52 25	52 18	51 40	51 39	51 15	51 03	50 10	50 03
6	52 80	52 55	52 10	51 91	51 41	51 15	50 98	50 78	50 00	49 67
9	52 40	52 40	51 90	51 80	51 05	51 08	50 65	50 65	49 60	49 45
10	52 40	52 38	51 90	51 70	51 98	51 07	50 65	50 65	49 60	49 36
11	52 40	52 48	51 75	51 85	51 01	51 17	50 60	50 75	49 40	49 52
12	52 55	52 50	51 85	51 85	51 20	51 17	50 85	50 76	49 45	49 53
13	52 55	52 35	51 90	51 80	51 20	51 06	50 80	50 66	49 60	49 41
16	52 50	52 30	51 85	51 75	51 00	51 05	50 70	50 66	49 47	49 48
17	52 25	51 88	51 60	51 25	50 90	50 62	50 20	50 30	49 40	49 10
18	51 95	52 20	51 20	51 60	50 66	50 98	50 25	50 65	49 00	49 48
19	52 75	52 20	52 30	51 60	51 60	50 98	51 25	50 65	49 90	49 48
20	52 35	52 48	51 66	51 88	51 09	51 25	50 67	50 88	49 65	49 80
23	52 50	52 36	51 80	51 68	51 18	51 10	50 76	50 70	50 00	49 70
24	n/cot.	52 43	51 80	51 80	51 00	51 21	50 65	50 80	49 60	49 83
25	52 45	52 80	51 80	51 90	51 20	51 35	50 80	50 97	49 80	49 88
26	52 95	53 35	52 20	52 80	51 54	52 09	51 25	51 70	50 25	50 62
27	53 50	53 48	52 80	53 05	52 15	52 30	51 80	51 90	50 75	50 90
30	53 25	53 10	52 70	52 40	52 00	51 70	51 60	51 30	50 60	50 20
Média	**52 66**	**52 69**	**52 02**	**52 08**	**51 30**	**51 29**	**50 91**	**50 92**	**49 85**	**49 81**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

MÉDIA DIARIA DE CÂMBIO LIVRE — JUNHO DE 1952

DIAS	Inglaterra	Estados Unidos	Uruguai	Holanda	Suiça	Suécia	Dinamarca	Espanha	Argentina	Portugal	Bélgica	França
2	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	—	1,3400	—	0,3778	0,0535
3	52,4160	18,72	—	—	4,3557	—	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
4	52,4160	18,72	—	—	4,3557	—	2,7353	—	—	—	—	0,0535
5	52,4160	18,72	—	4,9327	4,3615	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	—	0,0535
6	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,6572	—	0,0535
7	52,4160	18,72	—	—	4,3600	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
9	52,4160	18,72	—	—	—	—	2,7353	—	—	0,6572	—	0,0535
10	52,4160	18,72	—	—	4,3600	—	2,7353	—	—	0,6572	—	0,0535
11	52,4160	18,72	7,0112	—	4,3605	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	—	0,0535
13	52,4160	18,72	7,0508	—	4,3605	3,6209	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
14	52,4160	18,72	—	4,9274	4,3624	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
16	52,4160	18,72	—	—	4,3622	—	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
17	52,4160	18,72	—	—	4,3622	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,6572	0,3778	0,0535
18	52,4160	18,72	—	4,9271	4,3624	3,6309	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
19	52,4160	18,72	—	4,9290	4,3653	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
20	52,4160	18,72	—	—	4,3690	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
21	52,4160	18,72	—	4,9357	4,3491	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
23	52,4160	18,72	—	—	4,3748	—	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
24	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
25	52,4160	18,72	—	—	4,3786	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
26	52,4160	18,72	—	—	4,3786	3,6209	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
27	52,4160	18,72	6,8454	—	4,3767	3,6209	2,7353	—	—	—	—	0,0535
28	52,4160	18,72	—	—	—	3,6309	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
30	52,4160	18,72	—	—	4,3767	—	2,7353	—	—	—	—	0,0535
Média	**52,4160**	**18,72**	**6,9691**	**4,9303**	**4,3651**	**3,6209**	**2,7353**	**1,7096**	**1,3400**	**0,6572**	**3,3778**	**0,0535**

CÂMBIO

1952

Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos desta praça, durante, Junho

PAISES	MOEDAS	COMPRAS	VENDAS
Bélgica	Francos	55.550.159	53.096.626
Canadá	Dólares	14	—
Dinamarca	Corôas	3.626.356	3.057.197
Espanha	Pesetas	6.727	3.559
Estados Unidos (U.S.A.)	Dólares	19.822.694	21.567.636
França	Francos	1.006.833.108	1.034.011.664
Holanda	Florins	183.130	183.465
Inglaterra	Libras	665.875	824.420
Portugal	Escudos	69.939	270.220
Suécia	Corôas	6.224.001	9.779.498
Suiça	Francos	26.692	264.812
Uruguai	Pesos	3	1.450

CONVÊNIOS

	COMPRAS	VENDAS
US$ Alemanha	6.078.244	5.920.167
US$ Áustria	251.787	214.889
US$ Chile	81.089	176.814
US$ Itália	1.761.773	2.097.364
US$ Japão	2.200.022	2.537.636
US$ Portugal	182.059	362.981
US$ Tchecoslováquia	55.197	93.973
US$ Uruguai	10	1.592
US$ Yugoslávia	—	654
Brasileiro-Argentino	Cr$ 5.041,20	Cr$ 1.037.173,00
Brasileiro-Holandês	Cr$ 57.018,50	Cr$ 451.638,40
Brasileiro-Norueguês	Cr$ 4.582,70	Cr$ 1.395.141,20

Resumo dos negócios realizados no mês de Junho de 1952

MOEDAS	QUANTIDADE	VALOR EM CR$
Corôas Dinamarquesas	4.225.160	11.557.079,00
Corôas Suecas	11.674.595	42.272.543,00
Dólares	41.541.737	777.661.330,00
Escudos	218.460	143.572,00
Florins	75.065	370.092,00
Francos Belgas	43.741.077	16.525.379,00
Francos Franceses	1.131.681.140	60.544.941,00
Francos Suiços	2.971.697	12.971.757,00
Libras	1.906.708	99.942.016,00
Pesetas	6.604	11.291,00
TOTAL		Cr$ 1.022.000.000,00

Total em Libras e Dólares de acôrdo com a média mensal à vista sôbre a Inglaterra e Estados Unidos, afixada êste mês por esta Bolsa.

£	19.497.863 = 52,4160	
US$	54.594.017 = 18,72—	
Total computado em Junho de 1951		2.367.000.000,00
Total computado em Maio de 1952		1.107.000.000,00
Total computado em Junho de 1952		1.022.000.000,00

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I MERCADO LIVRE — VENDAS Á VISTA

JUNHO DE 1952

D I A	Londres Libra	Nova York Dolar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Suécia Corôa	Holanda Florin
2	52,41 60	18,72 00	4,35 49	0,65 72	1,34 00	7,07 75	3,62 09	—
3	52,41 60	18,72 00	4,35 57	0,65 72	1,34 48	7,07 75	3,62 09	—
4	52,41 60	18,72 00	4,35 76	0,65 72	1,34 29	7,05 08	3,62 09	—
5	52,41 60	18,72 00	4,36 15	0,65 72	1,34 29	7,05 08	3,62 09	—
6	52,41 60	18,72 00	4,35 96	0,65 72	1,34 48	7,05 08	3,62 09	—
7	52,41 60	18,72 00	4,35 76	0,65 72	1,34 48	7,05 08	3,62 09	—
9	52,41 60	18,72 00	4,35 76	0,65 72	1,34 48	7,05 08	3,62 09	—
10	52,41 60	18,72 00	4,36 15	0,65 72	1,34 48	7,01 12	3,62 09	—
11	52,41 60	18,72 00	4,35 96	0,65 72	1,34 46	7,09 81	3,62 09	—
13	52,41 60	18,72 00	4,36 33	0,65 72	1,34 46	7,07 75	3,62 09	—
14	52,41 60	18,72 00	4,36 15	0,65 72	1,34 46	7,07 75	3,62 09	4,92 71
16	52,41 60	18,72 00	4,36 15	0,65 72	1,34 48	7,07 75	3,62 09	—
17	52,41 60	18,72 00	4,36 15	0,65 72	1,34 48	7,07 09	3,62 09	—
18	52,41 60	18,72 00	4,36 33	0,65 72	1,34 48	7,07 09	3,62 09	—
19	52,41 60	18,72 00	4,36 33	0,65 72	1,34 48	7,07 09	3,62 09	—
20	52,41 60	18,72 00	4,36 72	0,65 72	1.34 48	7,07 09	3,62 09	—
21	52,41 60	18,72 00	4,37 48	0,65 72	1,34 48	7,24 18	3,62 09	—
23	52,41 60	18.72 00	4,38 05	0,65 72	1,34 48	7,21 39	3,62 09	—
24	52,41 60	18,72 00	4,37 86	0,65 72	1,34 48	7,24 18	3,62 09	—
25	52.41 60	18.72 00	4,37 86	0,65 72	1,34 48	7,24 18	3,62 09	—
26	52,41 60	18,72 00	4,37 86	0,65 72	1.34 48	7,15 87	3,62 09	—
27	52,41 60	18,72 00	4,37 67	0,65 72	1,34 48	7,14 50	3,62 09	—
28	52,41 60	18.72 00	4,38 24	0,65 72	1,34 48	7,09 09	3,62 09	4,92 71
30	52,41 60	18,72 00	4,38 24	0,65 72	1,34 48	7,09 09	3,62 09	—
Média	**52,41 60**	**18,72 00**	**4,36 69**	**0,65 72**	**1,34 44**	**7,10 50**	**3,62 09**	**4,92 71**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II MERCADO LIVRE — COMPRAS Á VISTA

JUNHO DE 1952

DIA	Londres Libra	Nova York Dolar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Suécia Corôa	Holanda Florin
2	51,46 40	18,38 00	4,24 03	0,63 64	1,31 29	6,83 27	3,55 51	—
3	51,46 40	18,38 00	4,24 21	0,63 64	1,31 76	6,83 27	3,55 51	—
4	51,46 40	18,38 00	4,24 39	0,63 64	1,31 57	6,80 74	3,55 51	—
5	51,46 40	18,38 00	4,24 76	0,63 64	1,31 57	6,80 74	3,55 51	—
6	51,46 40	18,38 00	4,24 58	0,63 64	1,31 76	6,80 74	3,55 51	—
7	51,46 40	18,38 00	4,24 39	0,63 64	1,31 76	6,80 74	3,55 51	—
9	51,46 40	18,38 00	4,24 39	0,63 64	1,31 76	6,80 74	3,55 51	—
10	51,46 40	18,38 00	4,24 76	0,63 64	1,31 76	6,80 74	3,55 51	—
11	51,46 40	18,38 00	4,24 58	0,63 64	1,31 76	6,76 98	3,55 51	—
13	51,46 40	18,38 00	4,24 94	0,63 64	1,31 76	6,75 74	3,55 51	—
14	51,46 40	18,38 00	4,24 76	0,63 64	1,31 76	6,83 27	3,55 51	—
16	51,46 40	18,38 00	4,24 76	0,63 64	1,31 76	6,83 27	3,55 51	4,83 76
17	51,46 40	18,38 00	4,24 76	0,63 64	1,31 76	6,83 27	3,55 51	—
18	51,46 40	18,38 00	4,24 94	0,63 64	1,31 76	6,84 54	3,55 51	—
19	51,46 40	18,38 00	4,25 32	0,63 64	1,31 76	6,84 54	3,55 51	—
20	51,46 40	18,38 00	4,25 4[illegible]	0,63 [illegible]4	1,31 7[illegible]	6,84 54	3,55 51	—
21	51,46 40	18,38 00	4,26 04	0,63 64	1,31 76	6,84 54	3,55 51	—
23	51,46 40	18,38 00	4,26 04	0,63 64	1,31 76	6,98 86	3,55 51	—
24	51,46 40	18,38 00	4,26 42	0,63 64	1,31 76	6,98 86	3,55 51	—
25	51,46 40	18,38 00	4,26 60	0,63 64	1,31 76	6,98 86	3,55 51	—
26	51,46 40	18,38 00	4,26 42	0,63 64	1,31 76	6,96 21	3,55 51	—
27	51,46 40	18,38 00	4,26 23	0,63 64	1,31 76	6,90 98	3,55 51	—
28	51,46 40	18,38 00	4,26 79	0,63 64	1,31 76	6,89 68	3,55 51	—
30	51,46 40	18,38 00	4,26 79	0,63 64	1,31 76	6,84 54	3,55 51	4,83 76
Média	**51,46 40**	**18,38 00**	**4,25 27**	**0,63 64**	**1,31 72**	**6,85 56**	**3,55 51**	**4,83 76**

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICA:

CÂMBIO EM NOVA YOR

Valor das diversas moed

DIA	Londres £	Montreal $	R. Janeiro Cr$	B. Aires Peso	Montevidéo Peso
2	2,78 5/8	1,01 11/16	0,05 46	0,07 20	0,37 50
3	2,78 13/16	1,01 11/16	0,05 46	0,07 20	0,37 62
4	2,78 13/16	1,01 3/4	0,05 46	0,07 15	0,38 25
5	2,78 7/8	1,01 13/16	0,05 46	0,07 25	0,37 50
6	2,78 13/16	1,01 13/16	0,05 46	0,07 20	0,37 35
9	2,78 15/16	1,01 7/8	0,05 46	0,07 20	0,37 50
10	2,78 15/16	1,01 15/16	0,05 46	0,07 20	0,37 37
11	2,78 11/16	1,01 5/8	0,05 46	0,07 20	0,37 37
12	2,78 5/16	1,02 1/16	0,05 46	0,07 20	0,37 50
13	2,78 3/16	1,02 3/16	0,05 46	0,07 25	0,37 75
16	2,78 5/8	1,02 1/16	0,05 46	0,07 17	0,37 62
17	2,78 5/8	1,02 1/8	0,05 46	0,07 20	0,37 75
18	2,78 7/16	1,02 3/16	0,05 46	0,07 20	0,38 00
19	2,78 1/8	1,02 1/8	0,05 46	0,07 20	0,38 00
20	2,78 3/16	1,02 3/16	0,05 46	0,07 20	0,38 75
23	2,78 5/16	1,02 5/16	0,05 46	0,07 20	0,38 75
24	2,78 1/2	1,02 1/2	0,05 46	0,07 20	0,38 75
25	2,78 3/8	1,02 3/8	0,05 46	0,07 20	0,38 50
26	2,78 9/16	1,02 9/16	0,05 46	0,07 15	0,38 37
27	2,78 1/2	1,02 5/8	0,05 46	0,07 22	0,37 75
30	2,78 1/2	1,02 11/16	0,05 46	0,07 20	0,37 62
Média	**2,78 9/16**	**1,02 7/64**	**0,05 46**	**0,07 20**	**0,37 88**

K SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

ıs em dolar — Junho de 1952

Paris frc. livre	Berna frc. livre	Stockolmo corôa	Lisbôa escudo	Belgica franco	Amsterdam guilder
0,0028 5/8	0,23 09	0,19 35	0,03 49 00	0,0198 5/8	0,26 34
0,0028 5/8	0,23 10	0,19 35	0,03 49 00	0,0198 5/8	0,26 34
0,0028 5/8	0,23 12	0,19 35	0,03 49 00	0,0198 5/8	0,26 34
0,0028 5/8	0,23 11	0,19 35	0,03 48 1/2	0,0198 5/8	0,26 35
0,0028 5/8	0,23 10	0,19 25	0,03 48 1/2	0,0198 5/8	0,26 36
O,0028 5/8	0,23 11	0,19 35	0,03 48 1/2	0,0198 5/8	0,26 35
0,0028 5/8	0,23 11 1/2	0,19 35	0,03 48 1/2	0,0198 5/8	0,26 35
0,0028 5/8	0,23 11 1/2	0,19 35	0,03 48 1/2	0,0198 5/8	0,26 34
0,0028 5/8	0,23 13	0,19 25	0,03 48 00	0,0198 5/8	0,26 35
0,0028 5/8	0,23 12	0,19 35	0,03 48 1/2	0,0198 5/8	0,26 35
0,0028 5/8	0,23 12 1/2	0,19 35	0,03 49 00	0,0198 5/8	0,26 34
0,0028 5/8	0,23 13	0,19 35	0,03 49 00	0,0198 5/8	0,26 36
0,0028 5/8	0,23 15	0,19 35	0,03 49 00	0,0198 5/8	0,26 35
0,0028 5/8	0,23 16	0,19 35	0,03 49 00	0,0198 5/8	0,26 35
0,0028 5/8	0,23 19	0,19 35	0,03 48 1/2	0,0198 5/8	0,26 36
0,0028 5/8	0,23 21	0,19 35	0,03 49 00	0,0198 5/8	0,26 36
0,0028 5/8	0,23 22	0,19 35	0,03 48 1/2	0,0198 5/8	0,26 36
0,0028 5/8	0,23 21	0,19 35	0,03 48 1/2	0,0198 5/8	0,26 34
0,0028 5/8	0,23 21 1/2	0,19 35	0,03 48 1/2	0,0198 5/8	0,26 35
0,0028 5/8	0,23 23	0,19 35	0,03 48 1/2	0,0198 5/8	0,26 36
0,0028 5/8	0,23 22	0,19 35	0,03 49 00	0,0198 5/8	0,26 31
0,0028 5/8	**0,23 15**	**0,19 35**	**0,03 48 11/16**	**0,0198 39/64**	**0,26 35**

— AVISOS —

Já estão reimpressas algumas de nossas separatas, cuja distribuição havia sido suspensa, e que podem agora ser novamente remetidas, em escala limitada, aos interessados.

São as seguintes:

“A Broca do Café” — Jacob Bergamin
“Expurgo de sementes de café infestadas p/ broca do café” — Jacob Bergamin
“Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Arroz” — H. J. Miranda
“Culturas Subsidiárias na Fazenda de Café — A Mandioca” — Edgard S. Noronha
“Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Feijão Soja” — N. A. Neme
“Técnica das adubações” — A. Menezes Sobrinho.
“O contrôle à erosão nos cafèzais” — Hélio V. de Camargo Bittencourt
“O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho e decadente que já ví” — Rogério de Camargo
“Economia Cafeeira” — A. Menezes Sobrinho
“Adubação verde p/ cafèzais” — José E. Teixeira Mendes
“Da secagem mecânica do café” — Rogério de Camargo
“Despolpamento” — J. Aloisi Sobrinho
“Melhoramento do cafeeiro” — C. A. Krug
“Restauração de culturas permanentes” — William W. C. de Souza
“Conservação do solo e revestimento vegetal” — Francisco M. Aires de Alencar
“A saúde do trabalhador rural” — Adalberto de Q. Teles Júnior
Conservação do solo em cafèzal — J. Quintiliano A. Marques

* * *

Insistimos na necessidade de nos comunicarem, os interessados, seu desejo de continuar a receber êste Boletim, assim como possíveis alterações de endérêço, sem o que será sustada a remessa àqueles que nos deixem de fazer essas necessárias comunicações.

Tipografia Aurora Ltda. — São Paulo

CAFÉ

SANTOS